



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**FACULDADE DE ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES**

**ELIZÂNGELA OLIVEIRA NEVES**

**A INFLUÊNCIA DO GRAFITE NOS PROCESSOS CRIATIVOS INDIVIDUAIS E  
COLETIVOS DOS ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS: UM ESTUDO MEDIADO PELA ARTE DE MIA  
MONTREAL**

**MANAUS**

**2025**

**ELIZÂNGELA OLIVEIRA NEVES**

**A INFLUÊNCIA DO GRAFITE NOS PROCESSOS CRIATIVOS INDIVIDUAIS E  
COLETIVOS DOS ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS: UM ESTUDO MEDIADO PELA ARTE DE MIA  
MONTREAL**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Amazonas.

**Linha 1 de Pesquisa:** Processos de ensino aprendizagem e criação em Artes

**Orientador:** Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes.

**MANAUS**

**2025**

### Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

- N518i      Neves, Elizângela Oliveira Neves  
A influência do grafite nos processos criativos individuais e coletivos dos alunos do 8º ano do ensino fundamental II em uma escola pública de Manaus: um estudo mediado pela arte de Mia Montreal / Elizângela Oliveira Neves. - 2025.  
124 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Valter Frank de Mesquita Lopes.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes, Manaus, 2025.
1. Grafite. 2. Processo criativo. 3. Arte urbana. 4. Projeto coletivo. 5. Ensino fundamental. I. Lopes, Valter Frank de Mesquita. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes. III. Título
-

## **ELIZÂNGELA OLIVEIRA NEVES**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Amazonas.

**Linha 1 de Pesquisa:** Processos de ensino aprendizagem e criação em Artes

### **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Aprovado em:13/03/2025

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes.  
Presidente e Orientador

---

Membro Profa. Dra. Clarissa Lopes Suzuki

---

Membro Profa. Dra. Maria Evany do Nascimento

---

Suplente Prof. Dr. Evandro de Moraes Ramos

---

Suplente Profa. Dra. Maria de Nazaré Teles de Lima

## **AGRADECIMENTOS**

### **Querido Deus,**

Agradeço-te profundamente por todas as bênçãos que me tens concedido. Tu és a fonte de toda a bondade e amor, e o meu coração transborda de gratidão por tua infinita misericórdia e graça.

Nenhum trabalho de pesquisa é solitário, embora muitas vezes estejamos fisicamente sós durante sua produção, porém, muitas foram as pessoas que me acompanharam e me apoiaram ao longo desta trajetória. Assim, expresso minha gratidão a:

### **Minha Família**

Pelo apoio emocional, compreensão e paciência ao longo desses anos em que o mestrado foi rival de vocês. Gratidão família.

### **Meu Orientador**

Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes, destaco sua orientação e o apoio e encorajamento que recebi nessa trajetória chamada Mestrado. Acreditou em mim mesmo quando nem eu mesma me via com muita certeza se conseguiria.

### **Meus Professores e Colegas:**

Agradeço aos professores que compartilharam seus conhecimentos de forma tão generosa.

Aos colegas de Mestrado, obrigada pela convivência e por tudo que de certa forma dividimos. Reconheço a boa vontade de cada um nas discussões oferecendo um feedback valioso. Agradeço por me estenderem a mão em todos os momentos que precisei.

### **UFAM/Programa de Pós-Graduação**

Ao Programa de Pós-Graduação, ao corpo docente da Faculdade de Artes, que tornaram possível essa jornada.

### **Unidade Escolar/ Gestora/Professores**

**A Escola Municipal Helena Augusta Walcott, a** minha gestora professora Cleiciane Bentes da Costa, aos meus colegas de profissão e ao corpo administrativos, o apoio de vocês somou para que minha atuação fosse relevante para a obtenção do meu título de Mestre.

### **Meu agradecimento especial**

Aos meus 22 bravos guerreiros que me permitiram, com a sua ajuda, finalizar meu trabalho de pesquisa. Vocês foram meu esteio, minha certeza que conseguiria chegar com segurança ao porto final. Que a vida de vocês brilhe, assim como brilha a mais linda estrela no céu.

## **Dedico este trabalho:**

À memória das mulheres extraordinárias  
que tive como referência que sempre me  
inspiraram com seu amor, resiliência e  
sabedoria: minha mãe Maria Salete  
e minha avó Maria Valente. Seus  
legados permanecem vivos em  
meu coração e em  
cada  
conquista que alcanço.

Aos meus filhos, Miguel Neves e Guilherme  
Neves, razões do meu sorriso e força.  
Ao meu amigo e pai dos meus filhos,  
Genner Neves,  
pelo incentivo e apoio  
incondicional.

Aos meus tios, Rita de Cássia Valente, Ladislau Gama e  
Dirléia Alves, que estenderam suas mãos quando  
mais precisei. Aos amigos Francisco Frazão,  
Francisco Nogueira e Lenir Feitosa,  
pelas correções e apoio.

A minha cunhada, Dra. Fátima Dantas,  
minha irmã Elisandra Batista  
pelo apoio e pelo ombro de irmã  
e a Verônica Laysse  
que me ajudou  
desvendando o word.

Ao amigo João Garcia  
por todo o apoio

Ao Dr. Rômulo Oliveira que me  
manteve nos eixos.

À Mia Montreal, por aceitar o desafio  
e acreditar em mim.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo observar se o apoderamento das técnicas e processos criativos de uma artista/grafiteira de Manaus, Mia Montreal, pode exercer influência significativa sobre os processos criativos, inicialmente individuais e posteriormente coletivos, utilizando a linguagem do grafite, dos alunos do 8º ano do ensino fundamental II em uma escola da rede pública na cidade de Manaus. A observação baseia-se em reflexões de Ana Mae Barbosa, Bell Hooks, Edith Derdyk, Ivone Richter, Rita L. Irwin, Cecília Almeida Salles, Fayga Ostrower, no depoimento do artista pixador Cripta Djan e na contribuição de Luís Fernando Lazzarin. A metodologia utilizada para a produção de painéis coletivos é a A/r/tografia. A pesquisa segue princípios que combinam análises qualitativas, como a interpretação crítica das práticas artísticas e avaliação dos impactos dessas práticas. Os possíveis resultados esperados são a construção de novas maneiras de pensar e entender que o fazer artístico resulta de reflexão, do próprio processo de criação e da interação com os colegas de turma, além de expressar-se por meio da Arte, criando coletivamente e reconhecendo-se como parte integrante da obra realizada, ainda que esta seja coletiva. Isso permite uma compreensão profunda e multifacetada do objeto de estudo, assegurando que a investigação não só enriqueça a produção artística, mas também contribua significativamente para o campo acadêmico.

**Palavras-chave:** grafite; processo criativo; arte urbana; projeto coletivo; ensino fundamental.

## ABSTRACT

The present research aims to observe whether the empowerment of the creative techniques and processes of an artist/graffiti artist from Manaus, Mia Montreal, can exert a significant influence on the creative processes, initially individual and later collective, using the language of graffiti, of students of the 8th grade of elementary school II in a public school in the city of Manaus. The observation is based on reflections by Ana Mae Barbosa, Bell Hooks, Edith Derdyk, Ivone Richter, Rita L. Irwin, Cecilia Almeida Salles, Fayga Ostrower, on the testimony of the pixador artist Cripta Djan and on the contribution of Luís Fernando Lazzarin. The methodology used for the production of collective panels is A/r/tography. The research follows principles that combine qualitative analyses, such as the critical interpretation of artistic practices and evaluation of the impacts of these practices. The possible expected results are the construction of new ways of thinking and understanding that artistic making results from reflection, from the creation process itself and from interaction with classmates, in addition to expressing oneself through Art, creating collectively and recognizing oneself as an integral part of the work carried out, even if it is collective. This allows for a deep and multifaceted understanding of the object of study, ensuring that the investigation not only enriches artistic production but also contributes significantly to the academic field.

**Keywords:** graffiti; creative process; urban art; collective project; elementary school.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Instrutora de animação 2D.....	18
Figura 2 - Instrutora de animação 2D.....	18
Figura 3- Pintura acrílica sobre tela.....	19
Figura 4 - Pintura acrílica sobre tela.....	19
Figura 5 - Mascote publicitário.....	20
Figura 6 - Folhetos e Cartilhas.....	20
Figura 7- Ilustrações para revista.....	21
Figura 8 - Ilustrações para livros infantis.....	22
Figura 9 - Ilustrações para livros infantis.....	222
Figura 10 - Ilustrações para livro infantil - Bienal.....	23
Figura 11 - Ilustração capa e contracapa de livro.....	24
Figura 12 - Ilustração capa da revista eletrônica.....	24
Figura 13 - Cripta Djan em exposição Festival Ninja.....	27
Figura 14 - Cripta Djan exposição Museu de Amsterdam.....	27
Figura 15 - Cripta Djan exposição Conexão em rede – Osasco.....	27
Figura 16 - CRIPTADJAN - SPFW N53.....	28
Figura 17 - 1ºConcurso Manaus ArtsGraf Urbana 2025.....	28
Figura 18 - Espaço Urbano do Festival Manaus Passo a Paço.....	29
Figura 19 - Espaço Urbano de Manaus.....	29
Figura 20 – Obras de Mia Montreal.....	40
Figura 21 – Obra de Mia Montreal.....	41
Figura 22 - Gráfico de Participantes da Pesquisa desenhantes – Bairros.....	51
Figura 23 - Gráfico de Participantes da Pesquisa -Desenhantes.....	51
Figura 24 - Gráfico da Pesquisa – Bairros -não desenhantes.....	53
Figura 25 - Gráfico da Pesquisa – Experiências estéticas e artísticas.....	53
Figura 26 – Preparação dos painéis.....	55
Figura 27 – Preparação dos painéis. Pintura com rolo.....	55
Figura 28 – Preparação dos painéis. Finalizados.....	56
Figura 29 – Apresentação da artista Mia Montreal.....	57
Figura 30 – Materiais de apresentação da identidade visual.....	57
Figura 31 – Mia Montreal e os materiais da apresentação.....	58
Figura 32 – Demonstração da letra Bomb.....	58
Figura 33 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	59
Figura 34 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	59
Figura 35 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	59
Figura 36 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	60
Figura 37 - Atividade em sala, proposta pela artista.....	60
Figura 38 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	60
Figura 39 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	61
Figura 40 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	61
Figura 41 – Atividade em sala, proposta pela artista.....	62

Figura 42 – Atividade em sala, proposta pela artista .....	62
Figura 43 – Aplicação da prática 1º dia. Materiais.....	63
Figura 44 – Aplicação da prática 1º dia. Materiais.....	63
Figura 45 – Aplicação da prática 1º dia. ....	63
Figura 46 – Aplicação da prática 1º dia. ....	64
Figura 47 – Aplicação da prática 1º dia. ....	64
Figura 48 – Aplicação da prática 1º dia. ....	65
Figura 49 – Aplicação da prática 1º dia. ....	65
Figura 50 – Aplicação da prática 1º dia. ....	65
Figura 51 – Aplicação da prática 1º dia. ....	66
Figura 52 – Aplicação da prática 1º dia. ....	66
Figura 53 – Aplicação da prática 1º dia. ....	66
Figura 54 – Aplicação da prática 1º dia .....	67
Figura 55 – Aplicação da prática 1º dia. ....	67
Figura 56 – Aplicação da prática 1º dia. ....	68
Figura 57 – Aplicação da prática 1º dia. ....	68
Figura 58 – Aplicação da prática 1º dia. ....	69
Figura 59 – Aplicação da prática 1º dia. ....	69
Figura 60 – Aplicação da prática 1º dia. ....	70
Figura 61 – Aplicação da prática 1º dia. ....	70
Figura 62 – Aplicação da prática 1º dia. ....	71
Figura 63 – Aplicação da prática 1º dia. ....	71
Figura 64 – Aplicação da prática 1º dia. ....	72
Figura 65 – Aplicação da prática 1º dia. ....	72
Figura 66 – Aplicação da prática 1º dia. ....	73
Figura 67 – Aplicação da prática 1º dia. ....	73
Figura 68 – Aplicação da prática 1º dia. ....	73
Figura 69 – Aplicação da prática 1º dia. ....	74
Figura 70 – Aplicação da prática 1º dia. ....	74
Figura 71 – Aplicação da prática 1º dia. ....	75
Figura 72 – Aplicação da prática 1º dia. ....	75
Figura 73 – Aplicação da prática 1º dia. ....	76
Figura 74 – Aplicação da prática 1º dia. ....	76
Figura 75 – Aplicação da prática 1º dia. ....	77
Figura 76 – Aplicação da prática 1º dia. ....	77
Figura 77 – Aplicação da prática 1º dia. ....	78
Figura 78 – Aplicação da prática 1º dia. ....	78
Figura 79 – Aplicação da prática 1º dia. ....	78
Figura 80 – Aplicação da prática 1º dia. ....	79
Figura 81 – Aplicação da prática 1º dia. ....	79
Figura 82 – Aplicação da prática 1º dia. ....	79
Figura 83 – Aplicação da prática 1º dia. ....	80
Figura 84 – Aplicação da prática 1º dia. ....	80
Figura 85 – Aplicação da prática 1º dia. ....	80
Figura 86 – Aplicação da prática 1º dia. ....	81
Figura 87 – Aplicação da prática 1º dia. ....	81
Figura 88 – Aplicação da prática 1º dia. ....	81
Figura 89 – Aplicação da prática 1º dia. ....	82

Figura 90 – Aplicação da prática 1º dia. ....	82
Figura 91 – Aplicação da prática 1º dia. ....	83
Figura 92 – Aplicação da prática 1º dia. ....	83
Figura 93 – Aplicação da prática 1º dia. ....	84
Figura 94 – Aplicação da prática 1º dia. ....	84
Figura 95 – Aplicação da prática 1º dia. ....	85
Figura 96 – Aplicação da prática 1º dia. ....	85
Figura 97 – Aplicação da prática 1º dia. ....	86
Figura 98 – Aplicação da prática 1º dia. ....	86
Figura 99 – Aplicação da prática 1º dia. ....	87
Figura 100 – Aplicação da prática 2º dia.....	88
Figura 101 – Aplicação da prática 2º dia.....	88
Figura 102 – Aplicação da prática 2º dia.....	88
Figura 103 – Aplicação da prática 2º dia.....	89
Figura 104 – Aplicação da prática 2º dia. Instruções.....	89
Figura 105 – Aplicação da prática 2º dia. Instruções.....	90
Figura 106 – Aplicação da prática 2º dia.....	90
Figura 107 – Aplicação da prática 2º dia.....	91
Figura 108 – Aplicação da prática 2º dia. Demonstração. ....	91
Figura 109 – Aplicação da prática 2º dia.....	92
Figura 110 – Aplicação da prática 2º dia.....	92
Figura 111 – Aplicação da prática 2º dia.....	92
Figura 112 – Aplicação da prática 2º dia.....	93
Figura 113 – Aplicação da prática 2º dia. Prática. ....	93
Figura 114 – Aplicação da prática 2º dia.....	94
Figura 115 – Aplicação da prática 2º dia.....	94
Figura 116 – Aplicação da prática 2º dia. Mostrando app.....	94
Figura 117 – Aplicação da prática 2º dia.....	95
Figura 118 – Aplicação da prática 2º dia.....	95
Figura 119 – Aplicação da prática 2º dia.....	95
Figura 120 – Aplicação da prática 2º dia.....	96
Figura 121 – Aplicação da prática 2º dia.....	96
Figura 122 – Aplicação da prática 2º dia.....	96
Figura 123 – Aplicação da prática 2º dia.....	97
Figura 124 – Aplicação da prática 2º dia.....	97
Figura 125 – Aplicação da prática 2º dia.....	98
Figura 126 – Aplicação da prática 2º dia.....	99
Figura 127 – Aplicação da prática 2º dia.....	99
Figura 128 – Aplicação da prática 2º dia.....	100
Figura 129 – Aplicação da prática 2º dia.....	100
Figura 130 – Aplicação da prática 2º dia.....	101
Figura 131 – Aplicação da prática 2º dia.....	101
Figura 132 – Aplicação da prática 2º dia.....	102
Figura 133 – Aplicação da prática 2º dia.....	102
Figura 134 – Aplicação da prática 2º dia.....	103
Figura 135 – Aplicação da prática 2º dia.....	104
Figura 136 – Aplicação da prática 2º dia.....	104
Figura 137 – Aplicação da prática 2º dia.....	105

Figura 138 – Aplicação da prática 2º dia.....	105
Figura 139 – Aplicação da prática 2º dia.....	106
Figura 140 – Aplicação da prática 2º dia.....	106
Figura 141 – Aplicação da prática 2º dia.....	107
Figura 142 – Aplicação da prática 2º dia.....	107
Figura 143 – Aplicação da prática 2º dia.....	108
Figura 144 – Aplicação da prática 2º dia.....	109
Figura 145 – Aplicação da prática 2º dia.....	109
Figura 146 – Aplicação da prática 2º dia.....	109
Figura 147 – Aplicação da prática 2º dia.....	110
Figura 148 – Aplicação da prática 2º dia.....	110
Figura 149 – Aplicação da prática 2º dia.....	111
Figura 150 – Aplicação da prática 2º dia. Verso do painel. ....	112
Figura 151 – Aplicação da prática 2º dia.....	113
Figura 152 – Aplicação da prática 2º dia.....	113
Figura 153 – Relato de estudante (A. M. M. B.). ....	114
Figura 154 – Relato de estudante (A. M. M. B) .....	114
Figura 155 – Relato de estudante (M. S. S).....	114
Figura 156 – Relato de estudante (S. I. O. S.). ....	116
Figura 157 – Relato de estudante (M. J. F. S.) .....	117
Figura 158 – Relato de estudante (M. F. F.) .....	117

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	13
2	<b>MEMORIAL DA AUTORA</b>	15
2.1	<b>Meu eu artista</b>	17
3	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	25
3.1	<b>Grafite</b>	25
3.2	<b>Grafite e Pichação</b>	26
3.2.1	<b>Pichador ou Pixador: uma análise semântica e cultural dos termos</b>	30
3.2.2	<b>A pixação: ato de vandalismo ou uma forma de afirmação existencial</b>	30
3.2.3	<b>Grafite: como forma de resistência</b>	32
3.2.4	<b>O grafite dentro dos muros da escola</b>	33
3.2.5	<b>A coletividade do grafite</b>	34
3.2.6	<b>A importância do processo de criação na trajetória do fazer artístico</b>	35
4.	<b>Mia Montreal: a artista e suas criações</b>	40
5.	<b>METODOLOGIA</b>	41
5.1	<b>Método de Procedimento</b>	42
5.2	<b>Coleta de Dados</b>	43
5.3	<b>Instrumentos de Pesquisa</b>	43
5.4	<b>Sujeitos de Pesquisa</b>	44
5.5	<b>Enquadramento Metodológico Pesquisa</b>	44
5.5.1	<b>Descrição das Atividades Planejadas</b>	46
6	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	49
6.1	<b>Resultados</b>	49
6.2	<b>Discussão</b>	115
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	118
	<b>REFERÊNCIAS</b>	119
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO/ARTÍSTICA-DESENHISTAS</b>	120
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO/ARTÍSTICA – NÃO DESENHISTAS</b>	122
	<b>ANEXO A – TERMO DE RESPONSABILIDADE DA ESCOLA</b>	124

## 1 INTRODUÇÃO

O grafite, uma forma de expressão artística muitas vezes associada à arte urbana e aos movimentos sociais, transcende a mera decoração de espaços públicos. Ele emerge como um poderoso veículo de comunicação e transformação social. Esta pesquisa reflete a intenção de investigar a importância desta arte no contexto escolar, especialmente sua influência sobre os processos criativos dos alunos, uma vez que o grafite tem o potencial de quebrar barreiras e preconceitos dentro da sala de aula.

O grafite é uma forma de arte que se originou nas periferias urbanas e que carrega mensagens de contestação e pertencimento, pode aproximar os estudantes e valorizar suas vivências e experiências. A prática colaborativa desta arte contribui para fortalecer as relações interpessoais e criar um ambiente de respeito e cooperação, onde todos os alunos se sintam à vontade para expressar suas ideias e sentimentos, independentemente de suas origens ou habilidades. Ao integrá-lo no ambiente escolar, é possível atender a uma ampla variedade de estilos de aprendizagem, tornando a educação mais inclusiva e engajante para todos os alunos, uma vez que, nenhum aluno aprende como outro aprende.

Este estudo tem como base as técnicas e processos criativos da renomada artista e grafiteira de Manaus, Mia Montreal. Por meio de sua arte, busca-se examinar como o grafite pode impactar significativamente os processos criativos dos alunos do 8º ano do ensino fundamental II em uma escola da rede pública de Manaus. Inicialmente focado nos processos criativos individuais, o estudo explora como, ao longo do tempo, esses processos evoluem para um esforço coletivo, utilizando a linguagem do grafite.

Dessa forma, a pergunta que guia esta investigação é: Como o grafite, mediado pela arte de Mia Montreal, pode influenciar os processos criativos individuais e coletivos dos alunos do 8º ano do ensino fundamental II em uma escola pública em Manaus?

Partindo do apoderar-se das técnicas, observações e tudo o que compreende o processo criativo individual de Mia Montreal, uma artista do Graffiti para gerar esses processos criativos coletivos, no contexto da escola em que a pesquisa foi desenvolvida, e com base na pergunta guia da pesquisa elaborou-se os objetivos, que são apresentados como objetivo geral e objetivos específicos.

O objetivo geral tem por finalidade: Analisar a influência do grafite nos processos criativos individuais e coletivos dos alunos do 8º ano do ensino fundamental II, em uma escola pública de Manaus: um estudo mediado pela arte de Mia Montreal.

Os objetivos específicos têm a função de detalhar minuciosamente, o que se quer com essa investigação, foram elaborados como: a) Investigar a influência do grafite de Mia Montreal

nos processos criativos e coletivos, observando a colaboração entre os alunos durante atividades de criação coletiva, tendo em vista a qualidade e as ideias geradas em grupo; b) Explorar a receptividade dos alunos à arte de Mia Montreal, por meio de entrevistas e questionários para entender a percepção dos alunos sobre a arte, e o engajamento desses alunos com a arte do grafite; c) Avaliar o impacto educacional do uso do grafite nas aulas, observando mudanças no interesse e na participação dos alunos nas aulas, analisando possíveis melhorias no desempenho escolar relacionados a criatividade e interesse nas aulas de artes, d) Identificar boas práticas para integrar o grafite na educação básica, fazendo recomendações com os resultados obtidos, e criar um guia de implementação para professores interessados em utilizar o grafite como ferramenta educacional

A falta de engajamento e motivação dos estudantes em atividades artísticas, especificamente no desenho, tem gerado uma divisão entre aqueles que desenhavam e os que não desenhavam. Essa divisão se apresenta como um obstáculo para a construção de conexões interculturais e o desenvolvimento de habilidades colaborativas, resultando no isolamento de alguns alunos e na falta de integração plena na dinâmica escolar. Diante desse cenário, a escolha do grafite como linguagem artística para a atividade escolar se mostrou estratégica, por várias razões. Primeiramente, o grafite é uma forma de expressão visual acessível, associada às manifestações culturais urbanas, o que facilita a identificação dos estudantes com diferentes contextos sociais, econômicos e culturais. Além disso, o grafite transcende a noção tradicional de desenho como um talento isolado, permitindo que os alunos explorem a arte de forma colaborativa e integrada. Ao utilizar o grafite como base, espera-se não apenas estimular o desenvolvimento da habilidade de desenhar, mas também promover a inclusão e a participação ativa de todos os estudantes, independentemente de seu nível de aptidão artística.

Essa escolha é ainda mais relevante considerando o potencial do grafite em quebrar barreiras e preconceitos dentro da sala de aula. Como uma forma de arte que se originou nas periferias urbanas e que carrega em si mensagens de contestação e pertencimento, o grafite tem o poder de aproximar os estudantes, valorizando suas vivências e experiências. A prática colaborativa desse tipo de arte pode contribuir para o fortalecimento das relações interpessoais e a criação de um ambiente de respeito e cooperação, onde todos os alunos se sintam capazes de expressar suas ideias e sentimentos, independentemente de suas origens ou habilidades.

Dessa forma, o grafite não é apenas uma escolha estética, mas também pedagógica e social, capaz de transformar o espaço escolar em um lugar de integração, diálogo e desenvolvimento coletivo. A proposta é que, através dessa atividade, os alunos possam não apenas aprimorar suas habilidades artísticas, mas também adquirir competências importantes

para a vida em sociedade, como a empatia, o trabalho em equipe e o respeito às diferenças culturais e individuais.

As contribuições teóricas sobre o assunto, processo criativo, partiram de autores como: Richter (2000) contribui na área da arte e suas metodologias. Ostrower (2001) contribui com suas reflexões sobre a expressão artística e o processo criativo. Almeida Salles (2006) contribui com seus estudos em processos de criação e as teorias de semiótica da arte. Derdyk (1989) contribui na reflexão sobre o desenho e a prática artística. Barbosa (2019), com abordagem crítica e reflexiva sobre o ensino da arte. Hooks (2021) contribui com ideias sobre educação crítica e comunidade. Cripta Djan (2012), famoso pixador brasileiro, contribui com sua experiência como artista, pensador da sociedade e com suas intervenções urbanas e pelo impacto que causou na arte contemporânea.

No campo do método científico, sobre as abordagens qualitativas, tipo de pesquisa, a pesquisa teve como aporte teórico nesses assuntos autores como: (Lakatoos; Maconi, 2007), (Minayo, 2001).

Observando o método científico, a pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa e quantitativa, evidenciando um rigor científico que embasa tanto a produção artística quanto a investigação. Na metodologia A/r/tográfica, (Dias; Irwin, 2013) o processo científico metodológico é essencial para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos. A pesquisa segue princípios rigorosos que combinam análises qualitativas, como a interpretação crítica das práticas artísticas, e quantitativas, como a medição e avaliação dos impactos dessas práticas.

## **2 MEMORIAL DA AUTORA**

O desenho faz parte da minha vida desde que me entendo como pessoa, cresci observando o irmão de minha mãe a desenhar com uma destreza espetacular, principalmente para os olhos da menina que o observava com especial atenção. Não muito distante, apenas alguns anos depois estava eu a seguir os mesmos passos do tio Francisco, aventurando-me nas mesmas linhas, buscava no desenho de observação o aperfeiçoamento do meu traço. E, por mais promissor e talentoso que ele fosse, o tio foi desestimulado a seguir a carreira de desenhista, naquela época a minha família não via futuro em tal ofício, nem mesmo via o desenho como profissão. Quando a orfandade me bateu à porta, passei da casa de meus pais à casa da avó materna, a mesma que desprezara o desenho do tio Francisco Valente. Mas os afetos de avó não a permitiram desaprovar minha escolha pelo desenho, segui desenhando. Formei em Educação Artística com habilitação em desenho, e me casei com uma pessoa que também tinha total

envolvimento com a imagem e, parafraseando minha amada avó “Era bem do teu feitio, essa escolha!”, ele era designer gráfico. A imagem propriamente dita, não importando se desenhada, fotografada ou filmada sempre fez parte da minha vida, era quase que uma obsessão criar através da imagem, do desenho, principalmente, pois a imagem exerce sobre mim um fascínio que nunca pude explicar. Ainda no curso de artes, aprendi trabalhando para um veterano, o Sidney Silva, a produzir imagens grandes e isso teve um impacto igualmente gigantesco no meu ser. Passei a produzir painéis com mais ou menos dezoito metros quadrados de tamanho, para um projeto no Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas- CAUA. Aquele trabalho me trazia imensa satisfação e uma sensação de poder indescritível. E mais impactante que as obras que realizei para o CAUA, foi encontrar, um grafite maior do que os painéis que eu já havia produzido, numa passagem de nível da cidade, àquela altura algo entre 2009 e 2010, se revelou a mim outra paixão, o Grafite. Embora, nunca ter me aventurado nesse fazer, reconheço nessa linguagem um caminho para boas experimentações artísticas.

O artista encontra os mais diversos meios de armazenar informações, que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra, e que nutrem o artista e a obra em criação. Quero enfatizar que o ato de armazenar em geral, está sempre presente nos documentos de processo. No entanto, aquilo que é guardado e como é registrado varia de um processo para outro, até de um mesmo artista. (Salles, 2008 p.18).

Como professora sei que o fazer artístico por si só traz consigo uma gama de opções e, cada escolha estética carrega em si uma razão, um sentido, um porquê, que marca o processo criativo, deixando um rastro que pode ou não revelar os lugares e conhecimentos por onde a mente criadora passou. Ele tem o poder de dar asas à imaginação a quem se permitir imergir nesse fazer artístico e deixar fluir o “eu criador”, enfrentando desafios estéticos e buscando soluções, exercitando cada decisão. No contexto escolar, é importante entender o porquê e o como da experimentação artística, já que para a maioria dos meus estudantes a pergunta constante é: “Por que temos que fazer isso?”. Alguns estudantes não encontram sentido em atividades que incluam desenhar, afirmam não saberem desenhar, especialmente quando os “não desenhantes” são forçados a participar de grupos onde os afortunados “desenhantes” é a maioria, instaura-se uma sucessão de lamúrias, às quais eu respondo sorrindo: “O desenho, antes de ser desenho é pensamento, então, apenas coloque seu pensamento no papel”. E foi refletindo sobre isso, que comecei a pensar em maneiras de trazer experimentações possíveis e

acessíveis para a sala de aula e escolhi o desenho, porque muitos acreditam que é preciso nascer com o “dom de desenhar”, como se fosse um poder exclusivo de alguns. E, quando numa saída ao centro de Manaus, observei os grafites nos viadutos e muros da cidade, pensei comigo mesma: Eis aí, um fazer artístico que poderia ser aprendido não apenas com a professora de artes, mas com os artistas do grafite. Seria a oportunidade de apreender as técnicas e conhecer os processos criativos desses artistas locais. Surgiu-me então a seguinte questão: “O contato com os artistas locais do grafite seria suficiente para que os estudantes, com os conhecimentos adquiridos em dois encontros distintos - um para conversas e outro para uma oficina - descobrissem seu próprio processo criativo? E esse conhecimento poderia provocar a interação entre educandos 'desenhantes'<sup>1</sup> e 'não desenhantes'<sup>2</sup>, (os termos desenhantes e não desenhantes surgiu dos estudantes) a ponto de esses dois grupos produzirem juntos, coletivamente? Eles precisariam encontrar, nesse fazer artístico, um processo criativo individual e, num segundo momento, produzir coletivamente, gerando um processo criativo coletivo a partir de várias individualidades. Isso responderia minha questão e muitas outras embutidas nesse processo, confrontando divergências e diferenças existentes na sala de aula. Atualmente, com tantas culturas convivendo juntas na escola, seria uma excelente oportunidade de conexão entre culturas, pensamentos e interações. O mais importante nesse fazer artístico é o processo, em que se poderá observar, socializar e discutir em rodas de conversa a partir da linguagem do grafite, os processos criativos de cada participante e, principalmente, o processo criativo coletivo.

## 2.1 Meu eu artista

Como artista das artes plásticas e visuais iniciei no seio familiar e fui até a universidade como amadora. Foi na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em contato com outros colegas que já trabalhavam como profissionais como: Genner Neves, Rogério Mascarenhas, Gregório Vieira, Sidney Silva e Turenko Bessa que meu lado profissional, mais comercial se desenvolveu. No projeto, salvo engano, chamado Sexta Musical que acontecia semanalmente no Centro de Artes da UFAM, aprendi a expor meu trabalho e a me expor às críticas do público.

---

<sup>1</sup> O termo, originário do vocabulário coloquial dos estudantes, foi utilizado para designar e categorizar os indivíduos que demonstravam habilidades e aptidões no domínio do desenho.

<sup>2</sup> O termo, derivado do repertório lexical dos educandos, foi empregado para identificar e distinguir os indivíduos que não apresentavam habilidades ou familiaridade com a prática do desenho.

Depois de formada recebi o convite do doutor Francisco Carneiro para ser instrutora de animação 2D em um projeto chamado Urdidura.

**Figura 1- Instrutora de animação 2D.**



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

**Figura 2 - Instrutora de animação 2D.**



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Mesmo depois de casada, segui trabalhando como artista plástica ainda por um bom tempo, vendi algumas telas e passei a produzir de forma digital depois que os filhos nasceram, era difícil manter tintas e outros materiais fora do alcance das crianças e, a demanda por ilustrações publicitárias passou a ser maior. Quando os filhos chegaram na adolescência, por hobby, ainda pintei algumas telas de um metro por um metro e vinte centímetros em acrílica. Como se pode observar nas imagens abaixo.

**Figura 3- Pintura acrílica sobre tela.**



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

**Figura 4 - Pintura acrílica sobre tela.**



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

A ilustração digital passou a substituir a pintura em tela e, de certa forma a suprir a necessidade de criar. As demandas por projetos digitais cresceram ao ponto de não haver mais tempo para desenvolver qualquer projeto de pintura, fosse em óleo ou em acrílica. Passei a atender a publicidade local durante muitos anos, trago aqui algumas das imagens que ilustram esse período. Figuras 05, 06 e 07, abaixo.

**Figura 5 - Mascote publicitário.**



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

**Figura 6 - Folhetos e Cartilhas.**



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

**Figura 7- Ilustrações para revista.**



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

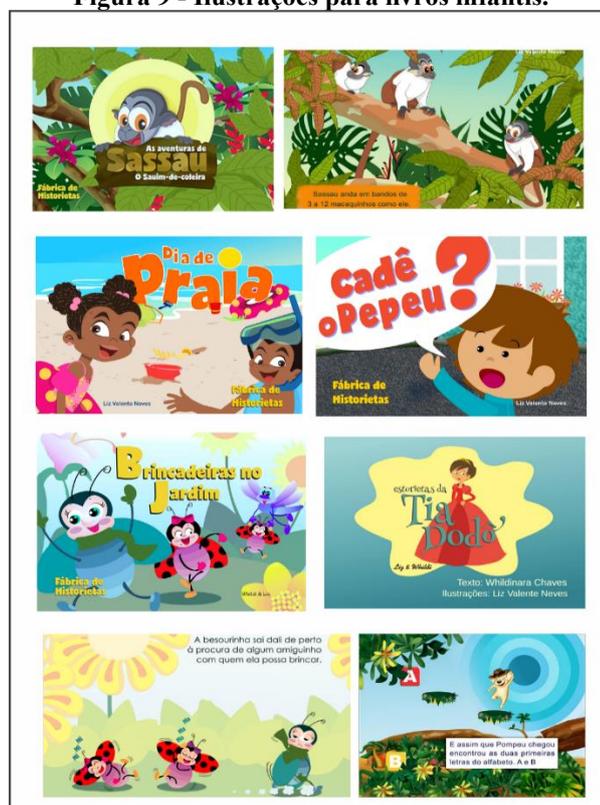
Em 2016, criei o site Fábrica de Historietas, juntamente com mais dois amigos, Whildinara Chaves e Genner Neves, para lançar sob esse selo uma infinidade de livretos infantis de cunho didático e principalmente paradidáticos. O desenvolvimento de conceito de personagens assim como as ilustrações das obras lançadas sob o selo Fábrica de Historietas, eram todos de minha autoria. Durante a pandemia as grandes empresas se voltaram para esse nicho e encontraram meu público, ofertando a entrega do livro digital e em formato impresso na casa do cliente. Não havendo como concorrer com tal estrutura o site Fábrica de Historietas fechou. Abaixo alguns exemplos de capas de alguns dos e-books que o site comercializou em parceria com o Hotmart. Figuras 08 e 09.

Figura 8 - Ilustrações para livros infantis.



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Figura 9 - Ilustrações para livros infantis.



Fonte: Arquivo pessoal da artista

Como ilustradora, a conquista mais significativa foi ter minhas ilustrações aceitas pela editora portuguesa Flamingo, editora integrante do Grupo Editorial Atlântico, na publicação do meu livro. A editora cobrava em euros e deixou de ganhar os valores referentes às ilustrações e criações dos personagens por julgar meu trabalho de excelência, ao nível da representatividade qualitativa da empresa, permitindo-me ser a ilustradora do meu livro. Na imagem abaixo não somente a ilustração da capa como todos os personagens e ilustrações internas, são meu trabalho. Ilustrações que foram bastante apreciadas na 40ª Bienal do Livro Riocentro, quando do lançamento do livro no Brasil, em stand conquistado como autora independente na referida Bienal.

**Figura 10 - Ilustrações para livro infantil - Bienal.**



Fonte: Arquivo pessoal da artista

Certamente, as demandas por ilustrações sendo estas publicitárias ou não, fizeram-me uma artista estritamente figurativa. Ainda que, por diversas vezes eu tenha tentado ser um pouco menos figurativa, acabei me dando por vencida e aceitando o figurativo como uma espécie de estilo ou marca.

As novas tecnologias que eu encaro como meras ferramentas, como as Inteligências Artificiais geradoras de imagens têm sido uma nova descoberta e um novo desafio, o de dominar a comunicação com essas ferramentas. Como artista eu procuro ver cada avanço como um recurso a mais para meu trabalho, não descartando a intervenção manual/digital (uso de tablet

de desenho) para imprimir minha marca em meus trabalhos, buscando manter a mente aberta para essas e outras inovações. Como profissional das artes visuais já me apoderei desses recursos para criar imagens que ainda estavam apenas no pensamento e que prompt a prompt foram tomando a forma imaginada e lapidadas de forma manual/digital antes de consideradas finalizadas. Figuras 11 e 12.

**Figura 11 - Ilustração capa e contracapa de livro.**



Fonte: Arquivo pessoal da artista

**Figura 12 - Ilustração capa da revista eletrônica**

**Edição Atual**

v. 1 n. 4 (2024): Arte, Educação, Comunicação & Design

A revista **AEC&D** - Arte, Educação, Comunicação & Design, tem como principal objetivo difundir trabalhos de pesquisa, estudos, artigos científicos e experiências do ambiente profissional das áreas das Artes, Educação, Comunicação & Design interconectadas com as Tecnologias da Informação e Comunicação.

**Publicado:** 2024-12-23

Fonte: Site da revista eletrônica AEC&D

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo estabelecer as bases teóricas que sustentam a pesquisa, abordando temas centrais relacionados ao grafite, à pixação e às suas implicações sociais, culturais e educacionais. A discussão inicia-se com uma análise do grafite como expressão artística contemporânea, explorando suas origens, evolução e significados no contexto urbano. Em seguida, são examinadas as relações e distinções entre o grafite e a pixação, destacando as nuances que diferenciam essas práticas, tanto em termos estéticos quanto simbólicos.

A análise prossegue com uma reflexão sobre os termos pichador ou pixador, investigando suas conotações semânticas e culturais, bem como os estereótipos e preconceitos associados a essas figuras. Nesse contexto, a pixação é discutida sob duas perspectivas: como um ato frequentemente classificado como vandalismo e, ao mesmo tempo, como uma forma de afirmação existencial e resistência em meio a contextos de marginalização.

O grafite como forma de resistência é explorado em sua dimensão política e social, evidenciando seu papel como ferramenta de denúncia, crítica e transformação. A inserção do grafite dentro dos muros da escola é analisada como uma possibilidade de diálogo entre a arte urbana e o ambiente educacional, promovendo a reflexão sobre identidade, coletividade e criatividade. A coletividade do grafite é destacada como um aspecto fundamental, enfatizando o caráter colaborativo e comunitário dessa prática artística.

Por fim, a importância do processo de criação na trajetória do fazer artístico é discutida, ressaltando como o grafite, além de seu resultado visual, envolve um percurso de experimentação, autoconhecimento e expressão individual e coletiva. Essa fundamentação teórica busca não apenas contextualizar o grafite e a pixação em suas múltiplas dimensões, mas também oferecer subsídios para compreender seu potencial como ferramenta educativa e transformadora no ambiente escolar.

#### 3.1 Grafite

O Grafite é uma atividade social que congrega artistas de todos os níveis, uma comunidade que está sempre aberta a novos adeptos, que longe dos liceus e academias, deixa o artista livre para explorar suas potencialidades. Segundo Ribeiro (2020, n.p.) “O termo grafite refere-se principalmente a figuras coloridas com noções de volume, perspectiva, movimento e contraste”. Ribeiro (2020) destaca que o grafite personifica o lugar e modificam a paisagem ou

a ambiência urbana e provocando reações em seus usuários como consequência dessa interação.

O grafite nas suas origens surge como uma expressão marginalizada nas ruas, até seu reconhecimento como uma forma legítima de arte. O fato é que no decorrer de seis décadas o grafite conquistou o status de arte, “Arte de rua” ou “Arte contemporânea” como é mais comumente conhecido. Consequência do esforço e trabalho de vários grafiteiros que disputaram em editais e conquistaram o direito de grafitar espaços com muita visibilidade em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, trazendo para o grafite uma grande visibilidade e conseqüentemente o status de arte contemporânea. Em Manaus ocorreu em 2011 a primeira exposição de grafites na Galeria do Largo, mas em se tratando de editais, a mesma situação também aconteceu, a prefeitura abriu edital e vários viadutos da cidade receberam belas obras. Os grafiteiros intervêm na paisagem urbana ao socializar seus grafites de forma gratuita e democrática. Democrática no sentido de que a obra, uma vez grafitada, está ali para ser vista por todos que passam por ela, que fique claro aqui que o termo não se refere ao artista do grafite que muitas vezes tem que enfrentar competições e análises de seus portfólios em editais, principalmente, quando em se tratando de uma obra que, além de estar exposta a todos, pode ser de uma hora para outra substituída por outro grafite ou simplesmente apagada. Visto que, todo indivíduo que por ele passar pode, além de visualizá-lo, construir sua própria leitura a respeito da imagem visualizada. Nesse sentido, a manifestação do grafite dentro das artes visuais começa a ser tão popular quanto outras mais próximas do povo e mais democráticas que o grafite. Não obstante, o grafite segue sendo a arte do agora porque permanece ligado às questões sociais e culturais, trazendo à sociedade oportunidades de reflexão sobre si e sobre questões contextualizadas, atualizadas no seio das comunidades, no sentido de explorar a relação da cidade com a sociedade e da sociedade com a cidade, principalmente quando interfere na paisagem urbana quer seja “revitalizando” espaços quer seja criando telas com pixo e favorecendo sua ocupação pela população.

### **3.2 o grafite e a pichação**

O Grafite, surgiu simultaneamente com a pichação e estiveram muitas vezes lado a lado, visto que também é uma forma de inscrição urbana e tem estado desde o começo ligado a contestações políticas, ideológicas e a movimentos identitários, assim como o próprio pixo. Porém o Grafite como movimento organizado, parte integrante do movimento *Hip-Hop*,

estabeleceu uma espécie de estética urbana e desde então vem transformando os muros, prédios, a cidade numa galeria a céu aberto, coisa que o pixo reivindica também. O Grafite tem preocupações estéticas que não estão tão distantes da pichação, pois nem sempre sua produção compõe-se de planejamento, nem sempre o suporte escolhido para ser grafitado foi cedido, embora utilize técnicas diversas.

**Figura 13 - Cripta Djan em exposição Festival Ninja**



Fontes: Instagram do artista.

**Figura 14 - Cripta Djan exposição Museu de Amsterdam.**



Fontes: Instagram do artista.

**Figura 15 - Cripta Djan exposição Conexão em rede – Osasco.**



Fontes: Instagram do artista.

**Figura 16 - CRIPTADJAN - SPFW N53.**



Fonte: Instagram do artista.

Na atualidade não tão diferentemente ambos, pichador e grafiteiro almejam o reconhecimento social da sua arte e de si próprio como artista, a exemplo disso é Cripta Djan que fez o pixo ter status de artes e vem ganhando terreno no cenário da arte contemporânea.

Segundo a artista do grafite Mia Montreal (Depoimentos), tanto pichadores quanto grafiteiros fazem parte da mesma comunidade, compondo a mesma arte.

**Figura 17 - 1º Concurso Manaus ArtsGraf Urbana 2025**



Fonte: Instagram do artista.

**Figura 18 - Espaço Urbano do Festival Manaus Passo a Paço.**



Fonte: Instagram do artista.

**Figura 19 - Espaço Urbano de Manaus.**



Fonte: Instagram do artista.

São posições contrárias as de artistas e autores, porém o artista Cripta Djan se posiciona sobre o assunto de que os artistas considerados pichadores não podem ser isolados dos grafiteiros, pois há sim, intenção em cada pixo realizado, é um ato de resistência uma reivindicação uma apropriação do espaço da cidade que lhes é negado.

### 3.2.1 Pichador ou Pixador: uma análise semântica e cultural dos termos.

O termo "pichador" geralmente se refere a indivíduos que realizam a prática de "pichação", que é a inscrição ou a pintura de texto e/ou imagens em propriedades alheias, frequentemente sem permissão. Esta atividade é vista por muitos como vandalismo e é ilegal em várias regiões. A palavra "pichador" carrega um estigma negativo, associado ao desrespeito pela propriedade alheia e à degradação urbana.

Por outro lado, "pixador" é um termo que, embora também se refira a alguém que realiza inscrições em superfícies urbanas, possui um significado mais complexo e culturalmente carregado. No Brasil, especialmente em São Paulo, "pixação" é uma forma específica de grafite que se distingue por suas letras angulosas e estilo único. Muitos "pixadores" consideram sua prática como uma forma de expressão artística e resistência cultural. Esta distinção é fundamental para entender as nuances entre os termos.

Um exemplo notável é Cripta Dijon, um influente pixador cuja obra transcende os limites da simples inscrição de letras. Cripta Dijon utiliza a pixação como uma forma de comunicação e protesto, abordando temas sociais e políticos. Sua abordagem artística conferiu ao termo "pixador" uma dimensão mais profunda, mostrando que a pixação pode ser uma forma de arte urbana e uma poderosa ferramenta de expressão cultural. Assim, enquanto "pichador" e "pixador" podem parecer sinônimos à primeira vista, a análise das práticas e contextos culturais revela diferenças significativas entre elas.

### 3.2.2 A pixação: ato de vandalismo ou uma forma de afirmação existencial.

Para muitos a pixação é um ato de vandalismo, onde cabe apenas a competição sem intenção estética alguma. Porém, para o artista pixador Cripta Djan o pixo, como é denominado por ele numa entrevista à revista O Viés<sup>3</sup> (2012): “Eu acho que o pixador tá se apropriando da cidade, reivindicando um direito de intervenção que muitas vezes foi negado a ele, e que outros “departamentos”, digamos assim, da sociedade têm”. Segundo Cripta Djan os jovens vêm buscando o pixo como uma forma de afirmação existencial, eles querem criar história por meio das paredes da cidade. Ainda na visão de Djan: “O pixo é um objeto artístico, e o pixador é um artista. Mas ele não tem a pretensão de ser porque, hoje em dia, o conceito de arte anda tão degradado, que o pixador é aquele artista tão genuíno que nem sabe que é um artista, porque o conceito de artista anda degradado”. É um ponto de vista diferenciado, não de apenas um

---

<sup>3</sup> <https://www.revistaovies.com/2012/11/08/cripta-djan-o-pixador-e-o-artista-que-transcendeu-as-telas/>

cidadão, mas de um representante ativo e reconhecido tanto no cenário artístico contemporâneo quanto no do grafite de modo geral. Para Cripta Djan em resposta a um questionamento sobre qual seria sua posição em relação a arte contemporânea afirmou que a sociedade não entende a intenção do pixador, que essa intenção é artística, que o pixador não se apropria daquela parede para destruí-la, que ela na realidade é o suporte dele. Para Djan o pixador é o artista que transcendeu a tela e o ateliê. E o ateliê e a tela dele é a cidade.

No entanto, para Lazzarin (2007) na pixação não há outro propósito que não seja a simples inscrição e o transgredir as regras de convivência em sociedade. O pichador quer ser reconhecido e respeitado apenas dentro do seu grupo.

As gangues também utilizam uma forma de inscrição para demarcar território, com seus códigos e símbolos característicos. Paralelamente o surgimento do grafite, na década de 60, surgem também as pichações – que vão desde a manifestação política, passando pela competição entre aqueles que conseguem atingir os locais de acesso mais difícil (como o alto de edifícios) – até o simples ato de vandalismo em prédios públicos e monumentos. Nessas atividades transgressivas, o uso do spray torna a técnica fácil e rápida, muito adequada para facilitar a fuga dos flagrantes da vigilância e da polícia (Lazzarin, 2007, p. 04).

As gangues a que se refere Lazzarin desenvolveram códigos e símbolos próprios para demarcar suas áreas de influência, utilizando inscrições em paredes e outros espaços públicos. Esses códigos podem incluir nomes, siglas ou símbolos específicos que identificam a gangue e comunicam sua presença no local. Isso servia tanto para delimitar território quanto para enviar mensagens a outras gangues ou à comunidade em geral.

Paralelamente, surgiu o grafite como uma nova forma de arte urbana. O grafite também envolve a criação de inscrições em espaços públicos, mas seu foco é mais estético e expressivo. Artistas de grafite começaram a usar paredes e outras superfícies urbanas como telas para suas obras, criando imagens, assinaturas estilizadas (tags) e mensagens visuais que se tornaram parte do cenário urbano. Portanto, a citação de Lazzarin compara esses dois usos de inscrições na cidade: um associado à demarcação de território por gangues e outro ao movimento artístico do grafite. Ambos utilizam espaços públicos para se expressar, mas com propósitos e significados distintos.

### 3.2.3 Grafite como forma de resistência

Segundo Ostrower (2001, p. 10) o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta e, sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerente, ordenando, dando forma, criando. Isso porque reside no ser humano a necessidade de expressar-se, se assim não fosse não existiriam tantos vídeos nas mídias sociais como YouTube, Tik Tok, produções cinematográficas, exposições, quadrinhos e afins.

Impelido, como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar. Ele precisa orientar-se ordenando os fenômenos e avaliando o sentido das formas ordenadas; precisa comunicar-se com outros seres humanos, novamente através de formas ordenadas. Trata-se, pois, de possibilidades, potencialidades do homem que se convertem em necessidades existenciais (Ostrower. 2001, p. 10).

Impelido por necessidades existenciais o ser humano precisa expressar-se, comunicar-se e criar. É o que nos confirma a história através dos vestígios deixados pelos primeiros seres humanos e, me atrevo a dizer que as pinturas nas paredes das cavernas poderiam ser consideradas como os primeiros grafites da história da humanidade, partindo desse pressuposto de que existem necessidades existenciais de se expressar pois, segundo Ostrower (2001) o ser humano é um ser fazedor e formador capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem a sua volta lhes dando significado. Para Hooks (2021) a teoria capacita a prática. Então é fundamental que sempre que possível se experimente a teoria na prática, até como forma de expressar a necessidade existencial do ser humano.

Nessa necessidade existencial reside a importância da arte na educação. O educando encontra-se em formação, ele atravessa esse período em que não é adulto, mas também não é mais criança e ainda não ajustou seu lugar social e profissional, e busca se expressar e, de alguma forma marcar sua existência. E a escola tem esse papel de lhes oportunizar o expressar-se também por meio da arte e, do mesmo modo como ato de resistência, uma forma de transgressão. Por exemplo: se a escola não tem quadra, que os estudantes realizem instalações protestando contra o fato de a escola não ter uma quadra, que façam performances nas áreas comuns da escola, que usem a arte para gerar incômodo até que suas vozes sejam ouvidas. Na expectativa do exercício do se expressar na expectativa de que a maioria se torne adulto capaz de observar, analisar, contextualizar e, principalmente, problematizar as questões da vida em sociedade. Porém, antes de tudo, é necessário o exercício contínuo da tentativa de se encontrar, expressar-se e apoderar-se de si, visto que o ser humano está sempre em transformação. Não há

como afirmar que apenas a escola ou a arte possam proporcionar esse encontro de si, nem que ele realmente vai acontecer, mesmo que lhe seja proporcionada toda uma estrutura para isso. O que se pode fazer é possibilitar essas tentativas reflexivas tantas vezes quantas forem possíveis. Deve-se lembrar que se está tratando com seres humanos, então tudo é muito subjetivo.

O processo de conhecer-se e de se aprofundar no experienciar, no explorar as possibilidades e o processo criativo, forjado no fazer artístico convoca o estudante a explorar soluções, seja no mundo visual, musical ou literário como um exercício de deleite e autoconhecimento, ainda que este não tenha a consciente noção disso, onde se pode experimentar o propósito de existir e da vida em comunidade. Um processo que se nutre na percepção e na sensibilidade. Barbosa (2019), descreve que a leitura social, cultural e estética do meio ambiente, dar sentido ao mundo da leitura verbal. Por outro lado, a arte facilita o desenvolvimento psicomotor sem abafar o processo criador.

O grafite é a expressão artística que os jovens das periferias encontraram para se expressarem, principalmente o pixo, forma como os grafiteiros e pichadores se referem ao ato de pixar/pintar com spray. Longe das salas fechadas das galerias onde é necessário a aprovação de um curador, o grafite faz da cidade a sua própria galeria, onde não são necessárias aprovações, e o público é todo indivíduo que passa por ela e, dispensa ainda que seja apenas um olhar na direção da obra.

Uma forma de arte que concatena, instiga, desafia e dialoga com boa parte da comunidade jovem, bem distante das clássicas obras que se encontra nos livros de artes que trazem outro contexto e falam de outras culturas, outros costumes, outras épocas. O grafite vem ao encontro das necessidades dos educandos na escola, em se tratando de identificação com seu público. Ele surge como ato de resistência àqueles que, são considerados pela lei como juridicamente incapazes, mas que podem apoderar-se dessa linguagem para expressarem-se e marcar de alguma forma sua existência e/ou fazer suas reivindicações naquele lugar.

#### **3.2.4 o grafite dentro dos muros da escola**

O movimento Hip-Hop é algo que encanta e atrai os adolescentes e os jovens, assim como a prática do grafite, provavelmente porque esses seres humanos estão em busca de uma identidade, de uma identificação ou simplesmente, porque é uma forma de se expressar próxima, que se comunica por tratar de questões que estão dentro dos contextos, onde estão inseridos. É inegável o fato de que os educandos sentem a necessidade de se expressarem, isso está impregnado em cada parede, cadeira e mesa dentro da escola e os materiais utilizados para tal, são diversos, vai do corretor de texto às canetas esferográficas, e o conteúdo é igualmente

diverso vai desde o “estou aqui, eu existo” ao “eu odeio isso tudo” porque inegavelmente cada registro também está carregado de algum conteúdo, além da expressividade. As aulas sobre patrimônio público são insípidas diante de tal necessidade. Os estudantes fazem da escola a sua “galeria de comunicação/expressão”. Porém se utilizam do grafite sob forma de pixação. A escola é um importante fator no sentido de fornecer as condições e ferramentas para esse desenvolvimento das potencialidades dos estudantes, além de redirecionar essa necessidade de expressão e canalizá-la, neste caso, para a prática do grafite.

É ter a possibilidade de desenvolver suas habilidades e principalmente sua imaginação. A imaginação permite transgredir as regras do que é possível e do que é impossível. Não foi assim, transgredindo que o homem foi à Lua? Não usou sua imaginação para estar lá antes mesmo de construir um foguete que permitisse o acontecimento de tal feito? E aqui está a humanidade a romper a barreira do que parecia intransponível, tecendo sonhos, criando, desvendando, moldando toda a realidade ao redor. Como se posiciona Barbosa (2019, p.33), “a imaginação é a centelha que ilumina as mais ousadas empreitadas”. Barbosa (2019) “Comecei falando da Imaginação porque ela é indissociável da atividade artística, uma não existe sem a outra. A princípio, considerou-se a Imaginação como potencialidade humana fundamental para qualquer idade ou atividade; não existe pensamento genuíno sem imaginação”. O atrevimento em agir desperta na prática da imaginação, no ato de criar, na experiência artística que desafia e provoca. Arte, um feito que se lança sobre o processo de criação, fazendo vislumbrar uma miríade de soluções para os desafios, sejam eles artísticos ou além.

### **3.2.5 A coletividade do Grafite**

O grafite não é apenas criado na cidade, mas também para a cidade. Isso inclui a própria estrutura física que serve de suporte para essa arte, assim como toda a estrutura humana que dá dinâmica e vida à cidade, pois, é no urbano que se realiza e se concentram as atividades dos grafiteiros(as) que aprendem e ensinam a partir da cidade e de sua relação com ela. Sim, é possível aprender com a cidade e com os grafites espalhados por ela, que chamam à reflexão o olhar de seu espectador, que pode responder ou não a esse chamado. A cada grafite um convite à contemplação, uma reflexão social, uma requisição, um despertar e um chamado à observação e sensibilização humana, que podem ser consideradas propulsoras do conhecimento. E no convite a essas produções emana atração tal que, consegue concatenar várias mentes independente de credo, classe social, cor ou ideologia. Nada mais oportuno para trazer às atividades de artes além da socialização/interação entre os alunos construir conexões e sentimento de pertencimento em relação à escola.

Dessa forma, desdobram-se as asas do pensamento e criações a partir das vivências artísticas, e à medida que mais experiências artísticas e estéticas são oferecidas ao ser humano, expande-se o repertório, tornando-se um valioso suporte para o processo criativo, Barbosa (2019, p. 33) se posiciona sobre a produção artística como:

O que a arte/educação contemporânea pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público. (Barbosa, 2019, p. 33).

A produção coletiva de grafites também significa oportunizar o empoderamento, o expressar-se artisticamente, o expor-se ao olhar das outras pessoas, que constitui em si um novo aprendizado, lidar com as críticas e com os elogios, principalmente dos próprios colegas.

### **3.2.6 A importância do processo de criação na trajetória do fazer artístico**

É preciso viver a arte, e cabe aos educadores direcioná-la efetivamente para atingir seu objetivo. Ao contemplar a ausência de uma estrutura que atenda às necessidades mais básicas do ensino das Artes, surge diante dos educadores um abismo aterrador. É nesse momento que se busca criar soluções para torná-lo o menos profundo possível. Por vezes, o professor torna-se uma ponte para a travessia dos aprendizes, proporcionando oportunidades, arcando com os custos de visitas fora da escola e materiais a serem usados nas atividades em sala.

Mais do que oportunizar atividades como produzir colagens, danças para as festividades na escola e afins, é preciso estar ciente, ter o entendimento de que toda atividade artística é composta por uma sequência, nem sempre cronológica, de ações que antecedem a produção do fazer artístico, o processo criativo. Conhecer o próprio processo criativo é conhecer o rastro deixado por si durante o processo de produção, nem sempre esse rastro é visível na obra, mas ele está lá, fazendo parte de sua construção. Segundo Salles (1998) Os vestígios deixados por artistas oferecem meios para captar fragmentos do funcionamento do pensamento criativo. Salles (1998) afirma ainda que, o percurso da criação se mostra como um emaranhado de ações que, em um olhar ao longo do tempo, deixam transparecer repetições significativas.

O fazer artístico é o motor que movimenta a imaginação, a criatividade, a percepção e a sensibilidade que segundo Ostrower (2001, p.12) esta última, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações como a seguir: “Baseada numa disposição elementar, num permanente

estado de excitabilidade sensorial, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós”.

É a partir da dinâmica do processo criativo que se movimenta antes da efetiva produção da obra que se pode vivenciar a experiência estética, esse jogo de significar e ressignificar cada elemento que comporá a obra, mais do que a satisfação pessoal do fazer artístico. Richter (2000) ressalta que a experiência estética pode provocar toda a mente e o espírito do ser humano.

A importância do fazer artístico se dá não somente no ocupar a mente em uma atividade que lhe seja produtiva, mas em mostrar ao adolescente quais competências ele já domina e aquelas em que ele ainda precisa investir tempo e dedicação, isso lhe dá uma noção de qual espaço ele poderá vir ocupar na sociedade, lhe trará, de alguma forma significação para a vida.

A produção da obra coletiva, em igual importância com a obra individual tem o papel de criar conexões entre a diversidade existente na escola. Construindo laços entre os participantes e a escola e entre a escola e os participantes. Quando a instituição de ensino acolhe atividades como essa, proposta nessa pesquisa, ela abre um canal de diálogo direto com os educandos e se torna parte do que seus estudantes são, da mesma forma, quando os estudantes se sentem acolhidos e valorizados a ponto de a escola fornecer os muros internos para que estes possam se expressar, o esperado é que um laço de pertencimento entre ambos, estudante e escola, seja forjado. Isso além dos laços de amizade e respeito mútuo entre os participantes e o desenvolvimento da capacidade de gerenciar decisões e solucionar problemas coletivamente.

A escola, exerce um papel fundamental, não somente na formação do discente de forma geral, mas no sentido de proporcionar essas experimentações, esse fazer artístico. De que outra forma o educando pode pôr-se à prova para entender-se, conhecer-se no sentido de saber quais competências e habilidades ele possui e ainda ter a oportunidade de deparar-se com o outro e compreendê-lo a partir do entendimento das próprias limitações, senão pelo intermédio do ambiente seguro e orientado da escola?

A função de trazer ao entendimento do educando a realidade multicultural desde a formação deste país e sensibilizá-lo para essa construção multicultural, que fez dessa nação o que ela é e, principalmente enxergá-la com os olhos do questionamento e do pertencimento, sentindo-se, ele próprio, parte dela. Por isso o conhecimento da história da arte, dos contextos em que estão inseridas cada obra estudada e dos estilos produzidos nesse processo de construção do pensamento e desenvolvimento humano, é tão importante.

Segundo Machado (1988) um adulto equilibrado, capaz de resolver satisfatoriamente os problemas da vida, necessita além do pensamento lógico, intuição e imaginação, principalmente quando, observando a história e os feitos desta que vão desde as construções monumentais que perduram apesar da passagem do tempo à ida do ser humano à lua. O que mais a imaginação humana poderá criar se fomentada? A imaginação humana é uma ferramenta de grande poder de alcance e ilimitada, capaz de impulsionar avanços extraordinários em diversas áreas. Se fomentada adequadamente, a imaginação pode levar a inovações tecnológicas revolucionárias, criações artísticas sublimes e soluções inovadoras para problemas complexos. O processo criativo é essencial não apenas para o desenvolvimento pessoal, mas também para o progresso coletivo da sociedade. No contexto educacional, incentivar a criatividade e a imaginação dos discentes é fundamental para que eles possam explorar além dos limites tradicionais do conhecimento adquirido em sala de aula. Por meio de práticas, é possível construir uma cultura educacional que não apenas transmite conhecimento, mas também promove a capacidade dos alunos de imaginar e criar, preparando-os para enfrentar os desafios do futuro com confiança e originalidade.

Para Ostrower (2001) a percepção é a elaboração mental das sensações e, estas, as sensações, estão no campo do invisível aos olhos, então é importante que os alunos tivessem diversas experiências artísticas que provocassem essas sensações com a finalidade de desenvolver a sensibilidade. Com base em Barbosa (2019), quanto a sua ideia de sensibilidade como desenvolvimento dos sentidos é a única concepção de sensibilidade que interessa ao ensino da Arte, pode-se afirmar que no contexto do ensino da Arte, a sensibilidade relevante é aquela que se desenvolve através dos sentidos. Em outras palavras, a maneira como se percebe o mundo através da visão, audição, tato etc., é a única forma de sensibilidade que importa na educação artística. Portanto, quem mais estaria tão imerso, tão à vontade para exercer essa linguagem que vai ao encontro não só da comunidade, mas, diretamente às jovens mentes? Quem mais teria essa intimidade com o pensar/imaginar, a imagem, senão aqueles que dela fazem sua razão de existir? Hoje mais que antes é preciso vivenciar, afinal vive-se inseridos num século de imagens, se é a cada momento bombardeados por elas. Se na época de Matisse ele já afirmava que era preciso despender um esforço para se libertar do fluxo de imagens prontas, hoje esse esforço é bem maior, no entanto não é impossível de ser feito. Quando, nesse contexto tecnológico tão atrativo, haverá outra oportunidade para vivenciar a arte, sob a linguagem do grafite. Para gerar repertório, para pensar, imaginar e criar diante de si uma imagem? Quando ainda dentro dessa conjuntura, e nem se estar a considerar as condições

econômicas dos alunos/ aprendizes, haverá uma outra oportunidade para provocar tais emoções? Responde-se a indagação com a citação de Barbosa (2019, p. 100):

Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para entender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade de foi analisada. [...] Desconstruir para reconstruir, selecionar para reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para sobrevivência no mundo cotidiano. (Barbosa 2019, p. 100)

Ver a si próprio na imagem oriunda da própria imaginação e de forma mais complexa conseguir inserir-se dentro da obra coletiva com isso, sem anular-se, ainda assim, respeitando-se a si e aos demais e, não obstante conseguir ver-se incorporado ali, conectado com os outros “eus” presentes na obra coletiva.

E qual seria o papel do professor como arte/educador nesse contexto, em que os alunos estarão em contato com um artista do grafite para apreender os processos de criação e as técnicas dessa linguagem onde, a artista/grafiteira, atuará como interlocutora nessa atividade. Barbosa (2019) diz que: “Hoje, a aspiração dos arte/educadores é influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes por meio do conhecimento de arte que inclui a potencialização da percepção crítica e a produção”. Segundo Barbosa (2019) [...] nada se ensina e tudo se aprende, depende do diálogo, da interlocução, da intermediação, da necessidade e do interesse. A necessidade dos participantes está alocada em duas situações: A primeira, a necessidade dos estudantes “desenhantes” de se expressar, de apreender uma linguagem por meio da qual possam deixar fluir. A segunda é a necessidade dos educandos “não desenhantes” de descobrirem-se “desenhantes” antes mesmo de abrir esse canal de expressividade.

Como lembra Machado (1988), há um vasto tesouro nas mãos da prática artística, um legado que enriquece não somente a jornada do ser em sua busca incessante por criar e se reinventar, bem como o arcabouço do(a) arte/educador(a) que promove a prática artística no âmbito escolar. Trata-se e uma quase “catarse”, principalmente atualmente, onde os conteúdos quase sempre permanecem na esfera da teoria, ou pela falta de espaço físico nas escolas ou pela ausência de matérias/equipamentos adequados à essas aulas práticas, as do fazer artístico são profícuas e valorosas.

Como bem falou Ostrower (2001) sobre serem, a percepção e a sensibilidade, as portas das sensações e, sabendo ainda por intermédio de Ostrower, que estas estão diretamente ligadas

aos sentidos. A arte por meio de um direcionamento que inspire o educando não somente à observação, mas que provoque o questionamento acerca dos contextos em que estão inseridas e das imagens, quer sejam elas obras clássicas ou imagens publicitárias propicia o desenvolvimento de um processo de aguçamento da sensibilidade, da crítica e da própria leitura de imagens.

O arte – educador<sup>4</sup> aspira fomentar em seus alunos um espírito crítico, e, nem sempre têm êxito nessa aspiração, mas continuam tentando. Que caminho melhor que esse por meio das artes, do fazer artístico e, principalmente, dentro do ensino das artes visuais? Cabe aos professores apresentarem da forma mais prazerosa possível os caminhos que vão ao encontro das aspirações como provocadoras dos estudantes. Barbosa (2019, p.34-35) diz que:

O canal de realização estética é inerente à natureza humana e não conhece diferenças sociais. Pesquisadores já mostraram que o ser humano busca a solução de problemas através de dois comportamentos básicos: o pragmático e o estético, isto é, busca soluções que sejam mais práticas, mais fáceis, mais exequíveis, porém, ao mesmo tempo, mais agradáveis que lhes deem maior prazer. (Barbosa, 2019, p.34-35)

O texto discute a importância da arte - educador em fomentar um espírito crítico nos alunos, utilizando a arte e o fazer artístico como ferramentas. Ao citar-se Barbosa (2019) para completar o argumento apresentado, o autor diz que, o canal de realização estética é inerente à natureza humana e não conhece diferenças sociais. Ele menciona que os seres humanos procuram soluções para os problemas através de dois comportamentos básicos: o pragmático e o estético, buscando soluções que sejam práticas e agradáveis, proporcionando maior prazer. Envolve, primordialmente, o processo abstrato de vivenciar algo, incorporando emoções, eventos e situações que nutrem o desenvolvimento cognitivo e emocional do indivíduo e que possuem influência sobre o processo criativo.

---

<sup>4</sup> Termo surgido na década de 80 pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Mae Barbosa o termo arte-educação designa uma categoria de profissionais, devidamente licenciados em Arte, e o tipo de trabalho que desenvolvem, com base, em geral, na abordagem triangular.

#### 4 MIA MONTREAL: A ARTISTA E SUAS CRIAÇÕES

Figura 20 – Obras de Mia Montreal.



Imagens do Instagram da artista

Mia Montreal é amazonense, nascida em 04 de março de 1990. Iniciou sua trajetória como artista das artes visuais em 2005, ano do seu primeiro contato com a linguagem do grafite dentro da cena Hip Hop na cidade de Manaus no Amazonas. É uma artista atuante no atual cenário artístico, principalmente do grafite, em Manaus, já participou de inúmeros festivais e exposições tanto em Manaus como em outros estados do Brasil como: Boa Vista em Roraima e Londrina no Paraná.

Mia incorpora em suas obras a representação fauna amazônica, também de mulheres amazônicas, indígenas e negras, com o objetivo de enaltecer e fortalecer a presença feminina na arte urbana.

A artista relata que desenvolveu interesse pelo desenho desde a infância, tendo tido seu primeiro contato com a prática do grafite em paredes no ano de 2005. Sua inclinação artística pode estar associada a influências familiares, uma vez que seu pai possuía habilidade para o desenho, dedicando-se como *hobby* à criação de paisagens em cascos de tartaruga. Da mesma forma, sua mãe, que cursou Design de Moda, demonstrava aptidão para a elaboração de croquis, os quais despertavam grande admiração na artista durante sua infância.

Inicialmente, sua atuação no grafite — mais especificamente no estilo denominado “Vandal”, que consiste na pintura de muros sem autorização — concentrou-se na produção de letras. Entre 12 e 14 anos de idade, teve seu primeiro contato com a cultura *hip-hop*, inicialmente por meio do *breaking dance*. Na época, participou de cursos voltados tanto para a dança quanto para o grafite (embora não recorde o nome do projeto em questão). Entretanto, devido à falta de apoio familiar em relação ao *breaking*, afastou-se dessa modalidade artística, mantendo, porém, vínculo constante com o grafite, que se tornou predominante em sua trajetória.

A artista afirma nunca ter vivenciado situações de discriminação ou preconceito em sua prática artística. Pelo contrário, relata ter recebido significativo apoio, estabelecido diversas amizades e permanecido integrada ao meio por meio de relações de acolhimento mútuo.

Mia defende e reivindica espaços que anteriormente eram negados às mulheres artistas de rua. Seu papel cada vez mais relevante na promoção do protagonismo feminino em um meio que antes era predominantemente masculino tem pavimentado o caminho e aberto portas para as novas gerações de meninas interessadas nessa forma de expressão artística, o grafite.

**Figura 21 – Obra de Mia Montreal.**



## 5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a A/r/tografia, destacando o processo. Essa metodologia é uma abordagem inovadora na pesquisa e produção artística, destacando-se, principalmente, por se desenvolver por meio de um processo colaborativo e interdisciplinar, onde os participantes exploram suas práticas artísticas e pedagógicas em um ambiente de co-criação e reflexão crítica.

Conforme Irwin (2013), a A/r/tografia é uma metodologia de pesquisa qualitativa que integra as práticas de artista, pesquisador e professor, criando um espaço de investigação híbrido e interdisciplinar e, ainda em consonância com Dias e Irwin (2013), a A/r/tografia surge como uma abordagem metodológica que combina arte, pesquisa e educação, permitindo uma investigação prática e reflexiva.

A presente pesquisa foi desenvolvida com base na metodologia a/r/tográfica, uma abordagem que integra as dimensões de artista (a), pesquisadora (r) e professora (t) em um processo contínuo de investigação e criação. Essa metodologia foi escolhida por sua capacidade de unir teoria e prática, permitindo uma investigação dinâmica e reflexiva sobre a influência da arte, em linguagem grafite, de Mia Montreal nos processos criativos e coletivos dos alunos, bem como na colaboração entre os participantes durante atividades de criação coletiva. A

a/r/tografia, como metodologia, valoriza a experiência subjetiva, a reflexão crítica e a produção artística como formas de conhecimento, alinhando-se aos objetivos da pesquisa.

A metodologia A/r/tografia integra práticas artísticas, pedagógicas e de pesquisa, destacando a interdependência dessas três áreas. Ela propõe uma abordagem onde o artista, o pesquisador e o professor não são vistos como identidades separadas, mas como práticas que se entrelaçam e se enriquecem mutuamente.

## 5.1 Método de Procedimento

### Procedimentos Metodológicos

A pesquisa de campo, local em que se desenvolveu a pesquisa, para a sua realização foi necessário primeiramente:

- a) Delimitar o grupo que serviu como amostra para a pesquisa,
- b) Determinar as técnicas que foram aplicadas para coletar as informações necessárias para finalização da Pesquisa.
- c) Determinar o espaço que fez parte da pesquisa.

A pesquisa foi estruturada em etapas que permitiram a aplicação prática da a/r/tografia.

Etapa 1 - Inicialmente, foi aplicado um questionário para selecionar voluntários e dividi-los em dois grupos: desenhantes e não desenhantes. Essa divisão buscou observar como as diferentes experiências prévias com o desenho influenciariam a dinâmica criativa e colaborativa durante as atividades.

Etapa 2 - Em seguida, foram realizadas aulas sobre artes visuais, que serviram como base teórica para contextualizar o grafite, inclusive do pichador Cripta Djan e, outras expressões artísticas, preparando os participantes para o encontro com a artista.

Etapa 3 - O encontro com Mia Montreal, artista do grafite de Manaus, foi um momento central da pesquisa. Nele, ocorreu uma roda de conversas antes da realização da oficina de técnicas de grafite, proporcionando um espaço de diálogo e reflexão sobre o processo criativo, a arte urbana e suas implicações sociais e culturais. Essa etapa foi essencial para aproximar os participantes do universo do grafite, não apenas como técnica, mas como forma de expressão e resistência.

Etapa 4 - A oficina de grafite, por sua vez, foi dividida em atividades individuais e coletivas, permitindo que os alunos explorassem suas próprias habilidades e, ao mesmo tempo, colaborassem na criação de uma obra conjunta.

Durante todo o processo, os participantes produziram relatórios sobre suas experiências e percepções, documentando suas reflexões e aprendizados. Esses relatórios foram fundamentais

para capturar as nuances do processo criativo e colaborativo, bem como para analisar a qualidade e a quantidade de ideias geradas em grupo. Além disso, a professora/pesquisadora/artista também participou ativamente da oficina, assumindo o papel de artista-pesquisadora-professora e registrando suas próprias experiências e percepções. Essa participação ativa permitiu uma imersão completa no processo, enriquecendo a análise e a interpretação dos dados.

A a/r/tografia, portanto, foi empregada como uma metodologia que não apenas orientou a coleta e análise de dados, mas também promoveu um diálogo constante entre a prática artística, a reflexão teórica e a experiência educativa. Ao integrar essas dimensões, a pesquisa pôde explorar de forma profunda e multidimensional a influência do grafite de Mia Montreal nos processos criativos e coletivos dos alunos, destacando a importância da colaboração, da reflexão e da experiência artística no desenvolvimento de habilidades criativas e na construção de conhecimentos significativos.

## **5.2 Coleta De Dados**

Para a coleta de dados, foram utilizados dois tipos principais de pesquisa: a bibliográfica e a de campo. A pesquisa bibliográfica envolveu a revisão de literatura existente, incluindo livros, artigos acadêmicos, teses e outras fontes relevantes, a fim de fundamentar teoricamente o estudo e identificar lacunas na literatura. A pesquisa de campo foi conduzida para coletar dados empíricos diretamente dos sujeitos envolvidos, proporcionando uma visão prática e contextualizada do fenômeno em estudo. A pesquisa de campo foi realizada com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola da rede pública de Manaus.

## **5.3 Instrumentos de Pesquisa**

Os instrumentos de pesquisa utilizados incluem questionários, entrevistas e depoimentos dos alunos. Os questionários foram elaborados para coletar dados quantitativos, permitindo a análise estatística das respostas. As entrevistas foram realizadas para obter dados qualitativos, proporcionando uma compreensão mais profunda das percepções e experiências dos participantes. Os depoimentos dos alunos foram coletados durante e depois das atividades práticas como uma forma de validar e complementar os dados obtidos por meio dos outros instrumentos, como o questionário.

#### **5.4 Sujeitos da Pesquisa – Universo e Amostra**

Os participantes da pesquisa foram selecionados de forma intencional e voluntária, considerando seu interesse e disponibilidade em contribuir com o estudo. A amostra foi dividida em dois grupos distintos: desenhantes, compostos por indivíduos com prática regular em desenho, e não desenhantes, formados por aqueles sem experiência ou familiaridade significativa com a prática do desenho. Essa divisão buscou garantir a comparação entre perfis distintos, permitindo a análise dos impactos da experiência com desenho nos resultados da pesquisa. O universo da pesquisa foram todos os 40 alunos pertencentes a uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, todos os indivíduos que se enquadram nos critérios de seleção, questionário de estudantes com habilidades em prática de desenho e estudantes sem essas habilidades. A amostra foi composta por um subconjunto de 22 alunos, escolhidos, segundo disponibilidade de se voluntariar para responder ao questionário, de forma a garantir a representatividade e viabilidade do estudo.

#### **5.5 Enquadramento Metodológico Da Pesquisa**

O quadro a seguir apresenta uma estrutura organizada e detalhada das etapas fundamentais para a condução de uma pesquisa acadêmica ou científica. Cada etapa descrita no quadro desempenha um papel crucial no desenvolvimento do trabalho, garantindo que a investigação seja realizada de maneira sistemática, coerente e embasada. A definição do problema estabelece o ponto de partida, identificando a questão central a ser investigada. Em seguida, a revisão da literatura contextualiza o tema, oferecendo um panorama do que já foi estudado e destacando lacunas que justificam a pesquisa.

O planejamento metodológico define os caminhos a serem percorridos, incluindo a escolha do tipo de pesquisa, as técnicas de coleta de dados e o delineamento da amostra. A coleta de dados é a etapa prática, em que as informações são obtidas conforme o planejamento. Na análise dos dados, os resultados são tratados e interpretados, utilizando ferramentas adequadas para extrair insights relevantes. Por fim, as conclusões e recomendações sintetizam os achados da pesquisa, oferecendo contribuições práticas e sugestões para estudos futuros, enquanto o relatório final consolida todo o processo, apresentando de forma clara e organizada o percurso metodológico, os resultados e as conclusões alcançadas. Este quadro serve como um guia para a elaboração de pesquisas robustas e bem-estruturadas, alinhadas aos padrões acadêmicos e científicos.

<b>ETAPAS</b>	
1	Definição do Problema: Identificação clara e precisa do problema ou da questão da pesquisa.
2	Revisão da Literatura: Levantamento e análise de estudos anteriores relacionados ao tema, para embasar e contextualizar a pesquisa.
3	Planejamento Metodológico: Definição do tipo de pesquisa (qualitativa e quantitativa ou mista), escolha das técnicas de coleta de dados (entrevistas, questionários, observações etc) e delineamento do plano de amostragem.
4	Coleta de Dados: Realização da coleta de informações de acordo com o planejamento.
5	Análise dos Dados: Tratamento e interpretação dos dados coletados, utilizando ferramentas estatísticas ou quantitativas.
7	Conclusões e Recomendações: Elaboração de conclusões baseadas nos resultados obtidos e formulação de recomendações práticas ou sugestões para pesquisas futuras.
8	Relatório Final: Redação do relatório de pesquisa, apresentando todo o processo metodológico, os resultados e as conclusões

### **Delimitação do grupo que serviu como amostra para a pesquisa**

O grupo que serviu como amostra da pesquisa, foi alunos de uma sala do 8º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal, localizada no bairro Jorge Teixeira, zona leste da cidade de Manaus, divididos em dois grupos a saber: “desenhantes” e “não desenhantes.

### **As técnicas desenvolvidas para a coleta dos dados, foram:**

- 1 Realização de um estudo no formato questionário aplicado à dois grupos de alunos do turno matutino do 8º ano do ensino fundamental de uma Escola Pública Municipal da Zona Leste.
- 2 Divisão dos alunos em dois grupos: Desenhantes e Não Desenhantes.
- 3 Medição da compreensão e conhecimento sobre artes dos alunos.
- 4 Comparação dos resultados entre os grupos para verificar as diferenças entre os dois.

### **Foram usados instrumentos de coleta de dados a partir de:**

- 1) Questionários para avaliar o conhecimento prévio dos alunos.
- 2) Atividades práticas com o auxílio da grafiteira Mia Montreal.
- 3) Aplicação dos relatórios das atividades práticas.

### 5.5.1 Descrição das atividades planejadas

As atividades planejadas são descritas aqui, com a finalidade de construir com os envolvidos nesta pesquisa, os discentes do 8º ano do Ensino Fundamental II, processos criativos para, a partir desses processos produzir obras coletivas. Esses processos foram delineados pelas técnicas, observações e tudo que compreende o processo criativo individual de uma artista do Grafite, Mia Montreal, no contexto de uma escola pública municipal localizada na Zona Leste de Manaus.

A partir das metodologias, considerou-se iniciar com um questionário, incluso no apêndice desta pesquisa, respondido pelos discentes de uma turma do 8º ano da Escola Municipal Helena Augusta Walcott, com o propósito de conhecer melhor, o grau de autoconhecimento por idade, e o conhecimento a respeito da linguagem do grafite e dos artistas dessa linguagem em Manaus, com o sentido de verificar se o aluno estaria apto a produzir material visual (desenhos) e a proximidade desses participantes com o universo da arte, principalmente do Grafite.

Os encontros programados nesta pesquisa, tiveram o objetivo de promover conhecimentos relacionados ao jogo do observar, dialogar, ouvir, agir e fazer. Algumas aulas foram acompanhadas de relatórios produzidos pelos discentes contendo suas observações sobre os eventos programados.

Este plano de aula, apresentado a seguir, foi estruturado considerando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para que o estudante reflita o consumo da arte, a partir do próprio repertório e gosto das produções artísticas, identificando produções em nível: local, regional, nacional e internacional. Os estudantes receberam a visita de Mia Montreal, presencial no espaço da escola, onde foi promovida uma roda de conversa com a artista do Grafite. O plano pode acontecer no contexto de dois componentes curriculares de Artes e diversas competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Habilidades BNCC contidas no plano.

**(EF69AR01)** Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

**(EF69AR35)** Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.

### Objeto de conhecimento

- Espaços artísticos e culturais.
- Curadoria e repertório pessoal.
- Patrimônio cultural imaterial.
- Consumo, cultura e identidade.

Entre as competências listadas na BNCC, estas aulas pretendem atingir as descritas abaixo:

1 – Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

4 – Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

5 - Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.

6 – Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

8 – Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

### **Objetivos de aprendizagem**

Caracterizar o repertório pessoal de consumo de arte local, regional, nacional e internacional.

Construção do próprio processo criativo a partir de experiências estéticas e artísticas.

Identificar, através de pesquisa virtual de museu e espaço cultural da cidade.

Explicar o consumo das produções artísticas e culturais do patrimônio cultural (imaterial e material).

#### Competências gerais

- 1 Conhecimento
- 2 Pensamento científico, crítico e criativo
- 3 Repertório cultural
- 4 Comunicação
- 5 Cultura digital

6 Trabalho e projeto de vida

7 Argumentação

9 Empatia e cooperação

10 Responsabilidade e cidadania

### Ação prévia

Em aula anterior a do plano - Visitação ao museu virtual de arte de Rua e roda de conversa a respeito da visita.

<b>01ª aula</b>	<b>O que propor?</b>
09/10/24	Oportunizar o encontro dos estudantes com a artista local do grafite Mia Montreal. Promover roda de conversa onde a artista vai expor seu processo criativo. Esta aula será no ambiente escolar, porém desatrelada aos tempos de aula.
<b>02ª aula</b>	<b>O que propor?</b>
10/10/24	Realizar oficina de técnicas de grafite tendo a artista Mia Montreal comoicineira. O objetivo desta oficina é socializar conhecimentos e a produção de obras individuais a partir das técnicas aprendidas na oficina.
<b>03ª aula</b>	<b>O que propor?</b>
11/10/24	Atividade prática – Produzir, de forma coletiva, painéis em linguagem e técnicas do grafite. O objetivo desta atividade é fazer com que cada estudante busque aplicar as técnicas aprendidas anteriormente na oficina, de forma coletiva, e gerar o respeito pelo trabalho intelectual do colega.
<b>04ª aula</b>	<b>O que propor?</b>
14/10/24	Roda de conversa a respeito dos painéis produzidos. O objetivo dessa roda de conversa é gerar uma análise dos painéis produzidos por meio da troca de ideias e observações dos discentes a respeito das dificuldades e facilidades encontradas no processo de feitura dos painéis.
Todas as aulas incluindo a oficina ocorreram no turno matutino, turno em que os educandos estudam, durante a semana útil.	

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta os resultados e reflexões decorrentes da pesquisa que teve como ponto de partida o questionamento central da autora: “O contato com uma artista local do grafite seria suficiente para que os estudantes, após dois encontros distintos – um de diálogo com a artista e outro de oficina prática –, descobrissem seu próprio processo criativo? E, ainda, esse conhecimento poderia promover a interação entre educandos 'desenhantes' e 'não desenhantes', a ponto de colaborarem coletivamente em produções artísticas?”. A investigação buscou compreender se a imersão no universo da arte, mediada por uma artista, seria capaz de despertar nos alunos não apenas habilidades técnicas, mas também a expressão criativa individual e coletiva.

Os dados analisados englobam respostas obtidas por meio de questionários de seleção aplicados no início da pesquisa, observações durante as atividades práticas e relatórios das oficinas realizadas com uma turma do 8º ano do ensino fundamental II. O objetivo foi verificar se o contato com a arte e o artista influenciava as percepções e práticas dos estudantes, além de identificar possíveis carências em experiências estéticas e artísticas, o nível de familiaridade com o desenho e a disposição para colaboração entre os participantes.

Os resultados revelaram, entre outros aspectos, uma significativa falta de vivências artísticas mais profundas que aproximassem os estudantes não apenas das obras de arte, mas também dos artistas que as produzem. Essas descobertas servem como base para discutir a importância da mediação artística no contexto educacional e seu potencial para transformar a relação dos alunos com a criatividade e a colaboração. A seguir, serão detalhados os achados e suas implicações para o ensino da arte e o desenvolvimento criativo dos estudantes.

### 6.1 Resultados

O questionamento da autora e a peça propulsora dessa pesquisa eram: “O contato com uma artista local do grafite seria suficiente para que os estudantes, com os conhecimentos adquiridos em dois encontros distintos - um incluindo conversas com a artista antes do aprendizado de técnicas e outro para uma oficina - descobrissem seu próprio processo criativo? E esse conhecimento poderia provocar a interação entre educandos 'desenhantes' e 'não desenhantes', a ponto de esses dois grupos produzirem juntos, coletivamente?”

Os resultados aqui apresentados são referentes tanto ao questionário aplicado em uma turma do 8º ano, com o objetivo de verificar se o contato com o universo da arte difere nas faixas etárias estudadas, de averiguar carências referentes a experiências estéticas e artísticas, o nível de prática de desenho e a disponibilidade dos entrevistados em atuarem em conjunto entre outras informações pertinentes à oportunidade de aprendizado e prática do desenho quanto às atividades práticas aplicadas na mesma turma do 8º ano do ensino fundamental II. Onde

constatou-se por meio das respostas obtidas nos questionários, uma carência de experiências estéticas e artísticas mais relevantes que gerassem a proximidade não apenas com as obras de arte, mas com os artistas que as produzem.

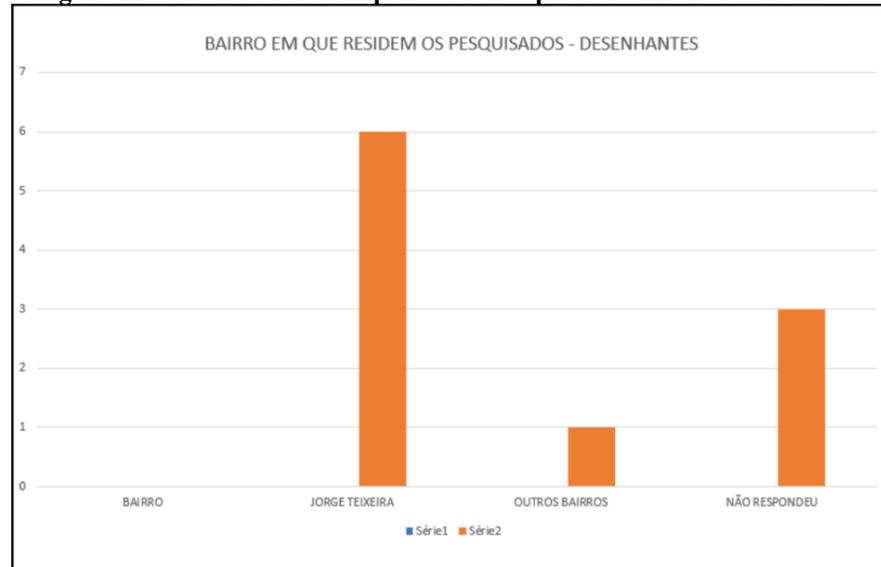
E como promover esse entendimento senão pelo contato direto com quem produz arte? É necessário proporcionar ao discente a maior quantidade de experiências estéticas/artísticas e culturais possíveis. E, para isso acontecer esses estudantes precisam deixar vez ou outra o âmbito escolar, que se faça assim, pois o que o professor de artes mais deseja é possibilitar ao aluno o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da percepção e da sensibilidade, e neste caso, menos o resultado desse fazer e mais o processo em si, possui maior relevância. Pois, ele, o processo pelo qual o discente percorre é o responsável pelo seu desenvolvimento sensorial, cognitivo, estético entre tantos outros. Barbosa (2019, p. 34) a respeito do desenvolvimento dos sentidos, especificamente a estética, descreve como:

O canal de realização estética é inerente à natureza humana e não conhece diferenças sociais. Pesquisadores já mostraram que o ser humano busca a solução de problemas através de dois comportamentos básicos: o pragmático e o estético. (Barbosa, 2019, p. 34)

Essa citação de Barbosa (2019) aborda dois conceitos principais: a realização estética como parte intrínseca da natureza humana e os dois comportamentos básicos na busca por soluções de problemas. O texto afirma que a apreciação e a busca pela estética, ou beleza, são algo inerente ao ser humano. Isso significa que todas as pessoas, independentemente de sua origem social, têm uma tendência natural a buscar e valorizar experiências estéticas. Isso pode se manifestar em diversas formas, como na arte, na natureza, na música, e em outras manifestações culturais. Barbosa (2019) cita que os seres humanos buscam resolver problemas de duas formas básicas: o comportamento pragmático e o comportamento estético. Sobre o comportamento pragmático, o autor se refere as abordagens práticas, diretas e objetivas para resolver um problema. É um modo de agir do ser humano que se concentra na funcionalidade e na eficiência. Quanto ao comportamento estético envolve soluções que consideram aspectos de beleza e harmonia, além da funcionalidade. É uma abordagem que valoriza a experiência sensorial e emocional, não apenas o resultado prático. A união desses dois comportamentos mostra que a solução de problemas pode ser tanto prática quanto estética, e que a busca pela beleza é uma parte fundamental da experiência humana.

A seguir, análise do questionário aplicado entre os estudantes do 8º ano da Escola Municipal Helena Augusta Walcott, localizada no bairro Jorge Teixeira, zona leste da cidade de Manaus, divididos em dois grupos a saber: “desenhantes” e “não desenhantes”.

**Figura 22 - Gráfico de Participantes da Pesquisa desenhantes – Bairros**

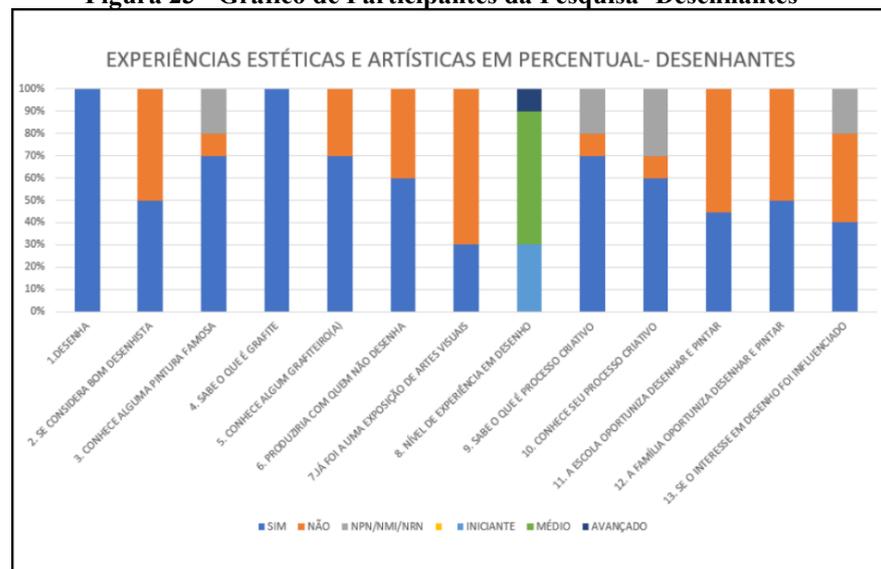


Fonte: Elaboração da autora.

A escola atende principalmente ao bairro Jorge Teixeira, como se pode observar. Porém, um entre os pesquisados informou residir em outro bairro nas imediações do Jorge Teixeira e três dos entrevistados não declararam o bairro onde residem.

Abaixo é possível ter uma visão em percentuais de respostas por questão.

**Figura 23 - Gráfico de Participantes da Pesquisa -Desenhantes**



Fonte: Elaboração da autora.

Segundo o que se pode observar no gráfico acima, embora os 12 se denominassem “desenhantes” 50% ainda não se sentem bons nessa modalidade de expressão artística. Embora 100% dos participantes desenhantes conheça a linguagem das artes visuais denominada Grafite, 70% conhecem um grafiteiro(a), quer dizer que este percentual é relevante, uma vez que, ultrapassa mais da metade do total dos desenhantes.

O fato positivo é que 60% dos educandos “desenhantes” produziria em conjunto com estudantes “não desenhantes” um percentual significativo levando em consideração ser mais da metade do total de participantes da pesquisa que desenharam. O maior contraste se encontra no fato de que 70% dos entrevistados nunca terem visitado uma exposição de artes visuais, o que reforça o fato de a zona leste da cidade de Manaus necessitar de galerias que possam difundir as artes visuais.

Quanto a ciência da existência dos processos criativos, talvez pelo fato de desenharem e de um percentual significativo conhecer um artista do Grafite, 70% afirmaram saber o que são processos criativos, enquanto 10% declararam não conhecer e 20% informaram que nunca pensaram sobre o assunto. Desse quantitativo 60% alegaram conhecer o próprio processo criativo enquanto 10% afirmaram desconhecerem, e 30% nunca pensaram sobre isso.

O fato de 65% dos pesquisados afirmarem que a escola, nesse caso, da rede pública não oportuniza o aprendizado e a prática do desenho unido ao fato de apenas 50% dos entrevistados na pesquisa confirmarem que suas famílias oportunizam o aprendizado e a prática do desenho, significa que o papel de fomentadora da experiência estética e artística da escola não vem sendo cumprido satisfatoriamente. E por fim, impressionantemente apenas 40% dos pesquisados afirmaram terem sido influenciados por algum outro desenhista com quem tiveram algum contato, 40% afirmaram não terem sido influenciados e 20% informaram não terem percebido se tiveram alguma influência externa que os conduzissem à prática do desenho.

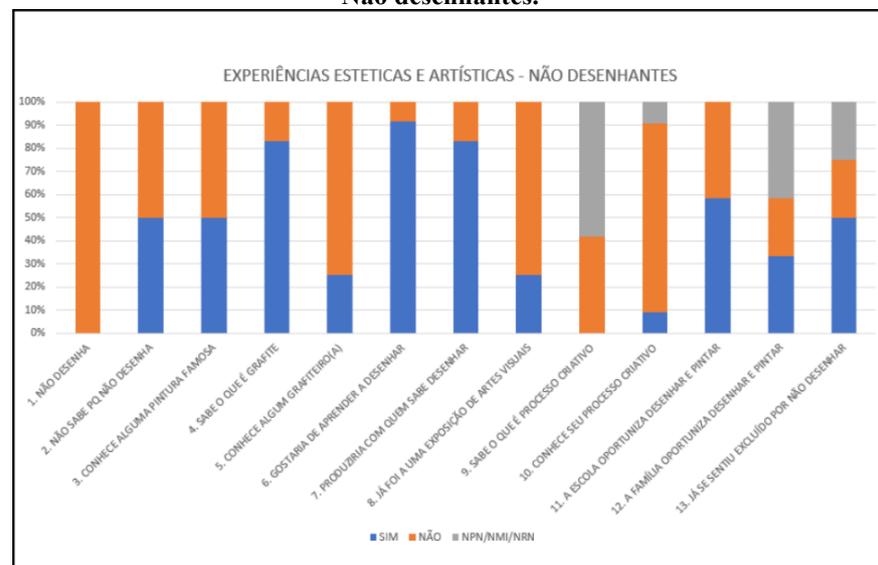
**Figura 24 - Gráfico da Pesquisa – Bairros -não desenhantes.**



Fonte: Elaboração da autora.

Neste gráfico, pode-se observar que dos doze pesquisados apenas cinco declararam residir no bairro Jorge Teixeira, onde a escola está localizada, enquanto dois dos entrevistados residem em outros bairros nas imediações do Jorge Teixeira e outros cinco não informaram o bairro onde residem. Essas informações são pertinentes no sentido de apontar que não somente no bairro onde se localiza a escola, mas nos bairros adjacentes a ela, a escola, existe uma carência de espaços culturais destinados às artes visuais que possam promover esse encontro entre os estudantes e artistas, quer seja por intermédio de oficinas direcionadas não somente aos estudantes, mas ao público em geral moradores da zona leste ou por galerias que possam expor as produções locais e de outras partes da cidade.

**Figura 25 - Gráfico da Pesquisa – Experiências estéticas e artísticas. Não desenhantes.**



Fonte: Elaboração da autora.

A pesquisa conduzida sobre as experiências estéticas e artísticas revelou dados significativos sobre o comportamento e as percepções dos participantes. Os resultados mostram que: a totalidade dos participantes (100%) relatou que não desenha. Metade dos entrevistados (50%) não sabe o motivo pelo qual não desenha. 50% dos participantes conhecem alguma pintura famosa. 82% dos participantes sabem o que é grafite. Apenas 25% conhecem algum grafiteiro ou grafiteira. A maioria expressiva (91%) gostaria de aprender a desenhar. 82% dos participantes afirmaram que produziram algo com o que sabem desenhar. Apenas 25% dos entrevistados já foram a uma exposição de artes visuais. 41% sabem o que é processo criativo, mas somente 10% conhecem seu próprio processo criativo. 59% acreditam que a escola oferece oportunidades para desenhar. 32% dizem que a família tem condições de proporcionar aprendizado em desenho. Metade dos participantes (50%) já se sentiu excluída por não saber desenhar. Esses resultados destacam a necessidade de maior incentivo e oportunidades para o desenvolvimento artístico, tanto nas escolas quanto no ambiente familiar. A expressiva vontade de aprender a desenhar (91%) indica que muitos participantes estão abertos a explorar suas habilidades artísticas, desde que recebam o suporte adequado. Além disso, a conscientização sobre o processo criativo e o conhecimento de seu próprio processo criativo são áreas que poderiam ser mais exploradas para estimular a criatividade entre os participantes.

A seguir, apresenta-se os resultados obtidos nas atividades práticas com imagens do encontro com a artista, das produções e relatos de como a prática se deu. Porém, antes de se entrar propriamente, nas atividades práticas sob o comando da grafiteira Mia Montreal, solicitou-se aos alunos que observassem todos os grafites existentes no trajeto de casa para a escola, o resultado foi que muitos chagaram se perguntando se os pixos também eram grafites: “Professora, eu vi de tudo e tinha de todo jeito, só escrito, só rabiscado, com coração, com declaração de amor e até com xingamentos!” (G. T. L.), “Eu acho que é só pixação, igual a essas que fazem aqui na escola!” (E. R. S), “Mas tem umas que também são só com letras, mas são bem bonitas, coloridas e tal!” (I. R.S.), “E ae prof, é tudo pixação, é tudo grafite? Tem diferença? (M.J.F.S). A gente ficou sem saber o que era!” (G. T. L.). É interessante a percepção dos alunos sobre essa arte. É pixação? É grafite? Os alunos com as atividades práticas, vão tirar suas conclusões sobre uma e outra arte.

Para a realização das atividades práticas, a necessidade de se ter um espaço apropriado para esse fim, era necessário. Contava-se com a possibilidade de a escola autorizar o uso dos seus muros, como não houve autorização para o uso dos muros da escola, buscou-se outra opção ou um suporte para receber os desenhos das atividades práticas. Assim, a grafiteira e a

professora pesquisadora optaram por empregar placas de compensado. Houve um, porém, as placas teriam que ser previamente pintadas de branco com tinta a base d'água, providenciou-se as placas que foram devidamente pintadas pela professora pesquisadora. Os alunos não foram liberados por mais tempo além do já acordado pela direção da escola e colegas professores. A seguir, as figuras relativas ao encontro dos alunos com a grafiteira Mia Montreal, iniciando pela preparação dos painéis a serem utilizados na oficina, como se pode observar nas figuras a seguir começando pela Figura 26.

**Figura 26 – Preparação dos painéis.**



Fonte: Elaboração da autora.

**Figura 27 – Preparação dos painéis. Pintura com rolo.**



Fonte: Elaboração da autora.

**Figura 28 – Preparação dos painéis. Finalizados.**



Fonte: Elaboração da autora.

Painéis devidamente e previamente pintados era chegada a hora da aplicação, de fato, da atividade proposta nessa pesquisa, a saber, a oficina de técnicas de grafite, tendo a grafiteira Mia Montreal como instrutora, na Escola Municipal Helena Augusta Walcott, localizada na zona leste da cidade de Manaus.

### **Primeiro dia de atividade prática**

O encontro ocorreu, como anteriormente citado, na escola municipal Helena Augusta Walcott localizada no bairro Jorge Teixeira, zona leste de Manaus, entre a grafiteira Mia Montreal e os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, do turno matutino. Como se pode observar a partir da Figura 29.

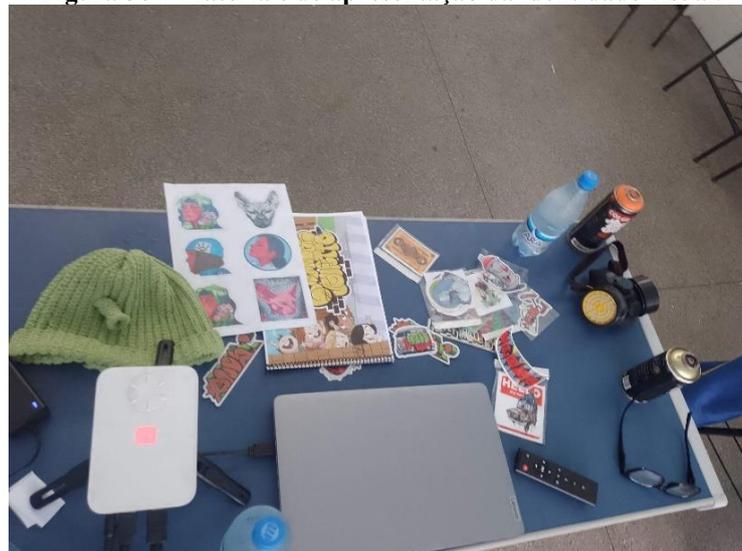
**Figura 29 – Apresentação da artista Mia Montreal.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

No registro acima, Mia se apresenta aos alunos, expõe sua trajetória, fala de suas influências e estilos, responde as questões dos alunos que estavam concentrados nas dificuldades de quem inicia no grafite.

**Figura 30 – Materiais de apresentação da identidade visual.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista levou materiais para exemplificar estilos, identificações visuais entre artistas e obras, levou apresentação em slide e manteve uma conversa informal com a turma que

observou atentamente, para muitos essa era a primeira vez que eles tinham contato direto com uma artista local, como se pode observar nas imagens abaixo, a partir da Figura 31.

**Figura 31 – Mia Montreal e os materiais da apresentação.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista mostrou obras que são a identidade visual de seus autores. E sobre as várias formas de identidade visual que um grafiteiro pode inserir no seu trabalho como: cores, formas, linhas, expressões de seus personagens, tipos de letras etc. Como se vê na Figura 32.

**Figura 32 – Demonstração da letra Bomb.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Cada participante recebeu uma folha de papel em branco para que desenhasse seu nome ou “*nick name*” que é um apelido, caso assim desejassem. Como exemplo Mia Montreal desenhou seu “*nick name*” no quadro.

Os desenhantes não se intimidaram, foram além do que foi ensinado pela artista, passaram a desenhar inserindo outros elementos em seus rascunhos e outros tipos de letras. Alguns queriam mostrar suas habilidades já no papel e estavam ansiosos para colocá-las em prática com uma lata de spray na mão. Como se pode confirmar a partir da Figura 33.

**Figura 33 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 34 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



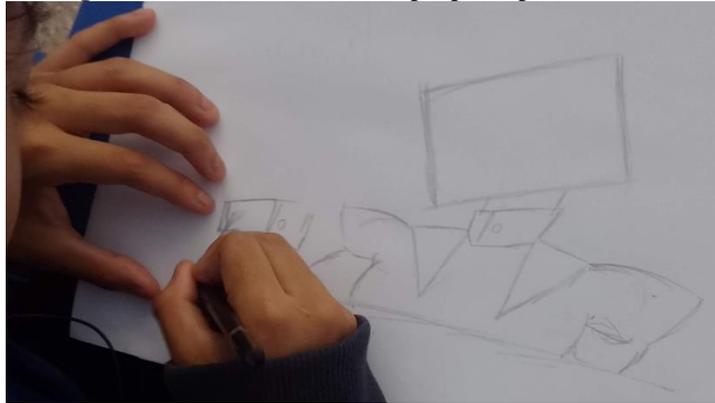
Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 35 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 36 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Nesse momento havia uma clara divisão entre os desenhantes e os não desenhantes. Os que possuíam alguma habilidade e intimidade com o desenho encararam a atividade com empolgação, enquanto os que declaradamente não desenhavam demonstraram uma certa angústia em realizar o exercício, precisando de algum tipo de ajuda durante a atividade. Como vemos a partir da Figura 37.

**Figura 37 - Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

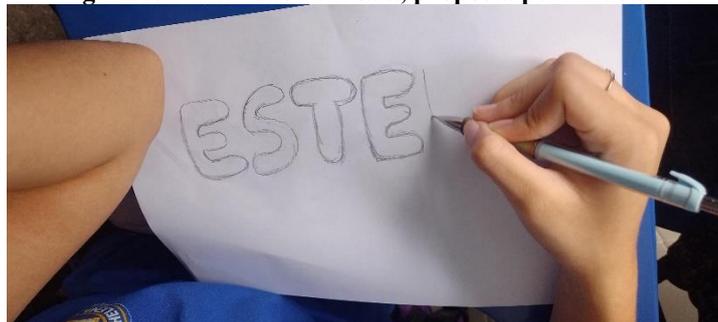
**Figura 38 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista ofereceu ajuda aos não desenhantes no sentido de mostrar o tipo de letra que eles poderiam utilizar. Isso trouxe mais confiança para que eles desenvolvessem a atividade. Alguns não desenhantes recorreram a essa ajuda, pois o exercício era relativamente fácil, dependendo do *nick name* escolhido. O estilo de letra ensinado foi o *Bomb*, que consiste numa letra arredondada e com aspecto fofo. Além disso a artista orientou que os *nick names* fossem curtos, os *nick names* podem ser a diminuição dos nomes dos estudantes e/ou apelidos a eles atribuídos. Observemos as figuras a partir da Figura 39, abaixo.

**Figura 39 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A estratégia da artista que consistia em os estudantes rascunharem no papel as letras de um *nick name* foi formidável, pois tornou menos pesados a atividade para os estudantes que não desenhantes. Mesmo assim alguns poucos sentiram alguma dificuldade. Ao final da atividade, todos conseguiram realizar o exercício uns com mais facilidade que os outros. Leia-se a seguir o depoimento de uma aluna, ao final da atividade:

“Eu achei muito legal, eu realmente achei muito fascinante, eu amo desenhar, mas eu desisti porque eu me achava muito ruim nos desenhos, mas com as aulas da Mia eu achei que posso tentar começar de novo a desenhar”. (aluna M. S. N).

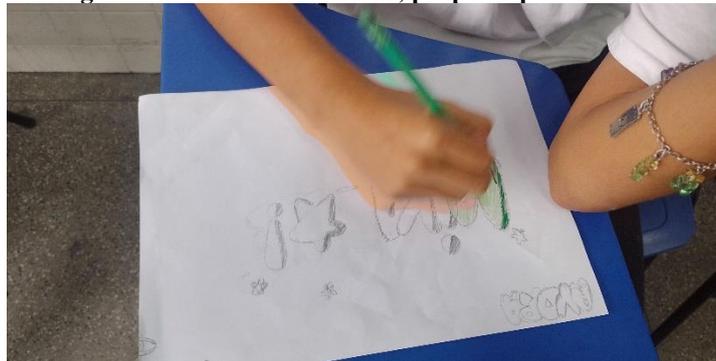
**Figura 40 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Os desenhantes se organizaram em pequenos grupos e passaram a desenvolver seus desenhos, utilizando-se até de recortes e colagens de seus próprios desenhos, mostrando não somente habilidade no desenho, mas também em outras formas de artes visuais como a colagem. Para esses estudantes essas atividades são pura catarse, e deixaram a criatividade e a imaginação fluírem, o que resultou em belos trabalhos nas folhas de papel. Até aquele momento, a expectativa com a atividade nos painéis, era grande por parte dos desenhantes que se dedicaram no exercício de produção dos rascunhos. Como se pode ver na Figura 41.

**Figura 41 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 42 – Atividade em sala, proposta pela artista.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Modelos prontos no papel, os alunos passaram para a área externa da escola, o pátio onde estavam organizados os painéis e todos os outros materiais para a prática. Primeiro receberam orientações sobre o manuseio das latas de spray e os diferentes tipos de bicos existentes para a prática do grafite. Como se pode conferir a partir da Figura 43 abaixo.

**Figura 43 – Aplicação da prática 1º dia. Materiais.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 44 – Aplicação da prática 1º dia. Materiais.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Mia Montreal explicou que é necessário retirar um pouco do ar até começar a sair a tinta das latas de spray, isso é necessário para que, a tinta saia em jatos que tenham o mínimo de respingos. Nesse momento observou-se que a atividade não correspondia exatamente ao que os alunos esperavam, pois perceberam que o manuseio tinha suas particularidades e técnicas. Como se pode observar a partir da Figura 45.

**Figura 45 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 46 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista alertou para os tipos de bicos utilizados na atividade, que existem bicos diferenciados para os vários tipos de traços, e para a área a ser pintada etc. Todos ouviram atentamente as orientações. Como pode se ver na Figura 47.

**Figura 47 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Logo depois chegou a hora de experimentar o manuseio das latas de spray, começando pelo esvaziamento do ar e da tinta respingada até sair o jato de tinta fina em formato de spray. Essa foi a ação que todos se sentiram à vontade para praticar. Para muitos era a primeira vez lidando com esse tipo de material, mas para todos essa era a primeira vez que essa atividade era implementada no cotidiano escolar. A aplicação da parte prática da pesquisa seria a produção de painéis em grafite. Em geral, atividades que envolvem desenhar ou pintar são realizadas com lápis de cor e papel, materiais com os quais os estudantes estão mais familiarizados. Podemos observar a partir da Figura 48.

**Figura 48 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 49 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 50 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista mostrou na prática o manuseio do spray com um bico mais fino destinado a fazer contornos. Utilizando a letra de estilo *Bomb* desenhou seu *nick name* “Mia” num dos painéis. Enquanto a técnica era mostrada, Mia ia explicando que era necessária uma certa

prática, mas que os erros eram frequentes até mesmo para quem já é considerado grafiteiro. Pode-se conferir a partir da Figura 51, abaixo.

**Figura 51 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 52 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 53 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista trocou o bico que serve para realizar contornos, da lata de spray, para outro que permitia maior vazão de tinta, usado para o preenchimento de áreas do desenho que não sejam tão grandes. Procedeu o preenchimento do *nick name* que já tinha sido desenhado com o bico de fazer contorno.

**Figura 54 – Aplicação da prática 1º dia**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Em seguida os alunos puderam escolher seus painéis e iniciar a prática do contorno dos *nick names*. Os desenhantes, como era esperado, foram os primeiros a buscar os sprays para colocar em andamento os rascunhos que tinham preparado no exercício realizado em sala. Porém, tudo na atividade era diferente do que haviam feito, começando pela postura encurvada para poder trabalhar nos painéis, bem diferente da postura confortável da cadeira, na atividade anterior. Os desenhantes passaram a confabular entre si na busca de simplificar o máximo possível suas obras. Como se pode observar na Figura 55, abaixo.

**Figura 55 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Desenhantes, logo descobriram que manusear as latas de spray era muito diferente e mais difícil do que o manuseio de lápis, giz colorido e caneta esferográfica. Que até um simples contorno de letra Bomb, considerada por muitos deles na sala de aula, como simplória, era extremamente difícil quando feito com spray. Algumas observações interessantes de algumas

alunas foram: “Parece fácil quando a gente vê ela fazendo, mas vai fazer pra você ver!” (aluna F. A. S. S.), “Mas ela falou que é só praticar, que todo mundo começa ruim mesmo, vai melhorando com a prática!” (aluna I. R. S.). A dificuldade dos desenhantes parecia ter colocado, em pé de igualdade, aos não desenhantes, que até então, apenas observavam.

**Figura 56 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 57 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 58 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Para alguns desenhantes, o domínio do contorno foi apenas uma questão de tempo, para se acostumarem com a nova ferramenta, ainda assim, para muitos desenhantes a obra rascunhada foi deixada de lado em nome da prática. Como se pode observar na Figura 59, abaixo.

**Figura 59 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Essa prática havia sido pensada para a descoberta de um processo criativo individual e só então, posteriormente, é que se faria uma atividade que reunisse os estudantes para criações

coletivas. Porém a dificuldade no manuseio do spray para realizar a atividade parece ter aproximado desenhantes e não desenhantes. Eu mesma deparei-me com certa dificuldade em desenhar a diminuição do meu nome, na tentativa que fiz, lógico que como estou habituada a desenhos de grandes proporções, esse obstáculo foi traspassado sem demora, já os educandos buscavam de todas as maneiras conseguir realizar a atividade. Como se pode observar na Figura 60.

**Figura 60 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Fez-se um intervalo nos registros para observar o comportamento dos participantes da oficina, aos poucos, desenhantes e não desenhantes se reuniam, conversavam sobre a dificuldade no manuseio da lata de spray, sobre as tentativas feitas. Tão logo se expunham uns aos outros “É mais fácil com a caneta!” (A. M. M. B), “A lata não tem como apoiar a mão, tem que ter muito treino. Tem que ter a mão firme!” (E. S.N), “Eu também senti dificuldade, e eu nem desenho, então eu já cheguei com a dificuldade! (risos)” (E.S.S), “Maninha se os desenhantes tão pensando imagina quem não desenha!” (A. M. M. B.).

**Figura 61 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Pouco a pouco percebeu-se que os problemas em conseguir realizar a atividade. juntou desenhantes e não desenhantes que antes, na sala, estavam divididos em vários pequenos

grupos. Agora era possível observar desenhantes e não desenhantes trabalhando juntos. Como se pode ver a partir da Figura 62.

**Figura 62 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 63 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 64 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 65 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 66 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

As dificuldades com o manuseio dos materiais colocaram todos no mesmo nível, juntando desenhantes e não desenhantes nos mesmos grupos. Num instante, o desejo de realizar a tarefa e de aprender a utilizar os materiais juntou-se às ideias de fazer um *nick name* curtíssimo, e tudo isso, aos poucos, foi se sobrepondo à divisão de grupo anterior. Foi possível observar não desenhistas conseguindo dominar o traço com o spray, e desenhistas observando para aprender. Como se pode observar a partir da Figura 67.

**Figura 67 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 68 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 69 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Os não desenhantes passaram a demonstrar uma postura mais à vontade em relação a atividade. Principalmente, depois que a artista abriu espaço para os erros e ensinou a realizar a correção utilizando o próprio spray. Isso trouxe a todos uma certa segurança para experimentar. Aprender e apreender as técnicas em um ambiente acolhedor e descontraído. Como se pode observar a partir da Figura 70 em diante.

**Figura 70 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Figura 71 – Aplicação da prática 1º dia.



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

O que mais chamou a atenção foi que não havia censura ou colegas apontando os erros uns dos outros, o que se instaurou foi um ambiente de cooperação onde era permitido errar, corrigir o erro ou deixá-lo à vista de todos. Houve espaço para todos experimentarem, errarem e realizarem a correção com tranquilidade e respeito. Como esse ambiente se organizou organicamente, preferiu-se deixar fluir sem interferências na ordem estabelecida.

Figura 72 – Aplicação da prática 1º dia.



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A aluna errou na organização do espaço para seu *nick name*, ficou faltando espaço para uma letra, mas ela decidiu não apagar, apenas o reescreveu da forma correta mais abaixo. O

medo de ser julgada pelos colegas ou de ter seu erro apontado durante a atividade evaporou-se, tornou-se insignificante diante das conexões que iam se formando conforme a produção avançava.

**Figura 73 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 74 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A satisfação estampada no rosto da professora/pesquisadora/artista que teve sua pergunta respondida já no primeiro dia de atividade prática. Ao fundo desenhantes e não

desenhantes produzindo juntos em plena cooperação. A cena mais aguardada e que se imaginava ver, seria apenas no segundo dia de atividade prática, mas, no entanto, configurou-se bem antes. Como se pode observar a partir da Figura 75.

**Figura 75 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista circulava entre os estudantes sanando possíveis dúvidas que iam surgindo conforme a produção avançava. Isso deixou todos os educandos muito confortáveis e contribuiu para que a produção fluísse com tranquilidade.

**Figura 76 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Instaurou-se um ambiente tão profícuo para a produção que àquela altura o que mais importava era o aprendizado na prática, ninguém estava preocupado única e exclusivamente com os resultados, mas a atenção maior, que notei na turma, era conseguir dominar as técnicas ensinadas, os alunos nem lembravam que havia um tempo pré-estabelecido para a aula terminar e, assim as horas não passaram, voaram. Ficou-se uma hora a mais que o acordado, a pedido dos participantes para terminar. Como se pode observar na Figura 77.

**Figura 77 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Mesmo depois das orientações, alguns educandos ainda demonstravam dúvidas em relação aos bicos utilizados e frequentemente necessitavam observar a artista em ação, realizando contornos. O contorno foi o traço que mais representou dificuldade tanto entre desenhantes quanto não desenhantes. Como observado a partir da Figura 78.

**Figura 78 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 79 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 80 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

As várias possibilidades do Grafite geraram obras diferenciadas, houve quem se aventurasse mais, adicionando brilho e luminosidade ao seu *nick name* e houve quem optou pela simplicidade do pixo, lembrando das obras de Cripta Djan. Como se pode observar nas Figuras 81, 82 e 83.

**Figura 81 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 82 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 83 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 84 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 85 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 86 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 87 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 88 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Alguns alunos resolveram seguir o estilo Cripta Djan e experimentar em cores diferentes, incluindo o preto. Esses alunos decidiram não produzir em estilo *Bomb*, o que lhes foi permitido, afinal se estava num espaço de experimentação.

**Figura 89 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A professora / pesquisadora se propôs a experienciar também a técnica de Mia Montreal, juntamente com seus alunos do 8º ano, uma vez que era uma artista do grafite. Emocionou-se diante dessa prática, o manusear de uma lata de spray, os diversos bicos usados nesta arte, e como usar as técnicas. Embora, a professora/pesquisadora/artista tenha certo domínio e habilidade, sentiu bastante dificuldade em dominar o jato de tinta, principalmente na hora de fazer o contorno. A professora/pesquisadora/artista verificou que nesse momento de aprendizagem das técnicas, todos se igualavam diante das dificuldades. Segundo Matisse criar “é um ato que todo ser humano é capaz de fazer, exige esforço para observar, pois a criação começa no ato de ver; e ver como se fosse a primeira vez que se está vendo. Isso significa não pensar nas tantas outras visões criadas e/ou construídas, materializadas”.

**Figura 90 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 91 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Durante a prática observou-se que o grau de cooperação chegou a um nível bastante interessante, pois um único *nick name* recebia várias contribuições, àquela altura ninguém mais pensava se o colega era desenhante ou não desenhante, ele era apenas um(a) colega ali, disposto(a) a colaborar para que a obra fosse realizada, ninguém questionou de quem era aquela produção, naquele momento ela era de todos. Não houve quem quisesse assinar um painel, tomar para si a autoria da obra, havia um consenso de que as obras eram de todos.

**Figura 92– Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Observando e participando, a professora/pesquisadora/artista comprovou o poder que o grafite tem de promover conexões e cooperação. Enquanto, uns pintavam outros ficavam a observar e opinar nas decisões estéticas como cor e contorno, além de ir e vir com latas e bicos numa partilha bem dinâmica de materiais. Essa linguagem tem a capacidade de colocar todos para pensar e agir como se estivessem na mesma sintonia. Aquele ambiente extremamente

colaborador é o mais desejado em sala de aula, porém é quase impossível vê-lo acontecer, principalmente em se tratando de partilha de materiais e concordâncias de opiniões estéticas.

**Figura 93 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 94 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 95 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 96 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Apesar das dificuldades em dominar o manuseio dos materiais, a preocupação estética com a forma estava presente em todos os trabalhos, o que para uma turma onde a maior queixa era a de não saber desenhar ou não desenhar bem já significava um grande avanço. Entender que o desenho abrange diversas dimensões como bem afirma Derdyk (1989) em seu conceito de desenho tanto como um processo, uma ação de riscar, rabiscar, esboçar, quanto como um resultado, uma imagem finalizada. Para Derdyk é necessário o resgate da palavra "disegno" que

no Renascimento italiano carregava um significado mais amplo do que o atual termo "desenho", esse significado englobava a ideia, o projeto, a concepção mental, a intenção por trás da criação, além da própria execução gráfica. Nesse sentido, o desenho é entendido como uma manifestação do pensamento e da intenção do artista, o que para os alunos e, até para a professora/pesquisadora/artista, é essencial entender que a ideia é tão ou mais importante que o resultado que encoraja a produzir.

**Figura 97 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 98 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Aos poucos os alunos foram vencendo as dificuldades e as obras foram surgindo, produzidas pelas diversas mãos e mentes reunidas ali. Observou-se processos criativos individuais (os rascunhos feitos em sala) serem substituídos por processos criativos coletivos (uma ideia gerada por diversas mentes). Os alunos trocavam ideias, cada um contribuía com sua forma de ver e seu processo criativo individual e a obra coletiva surgia dessas interações em busca de soluções para a produção da obra. A seguir, depoimento de uma aluna externando sua satisfação com o resultado das aulas práticas:

“Eu amei as aulas na parte das aulas práticas quando tavam se ajudando eu achei tão maneiro, eu nunca prestei tanta atenção como eu prestei atenção na aula da professora Mia”. (A. M. M. B.).

**Figura 99 – Aplicação da prática 1º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

### **Segundo dia de atividade prática.**

No segundo dia de atividade prática os educandos seriam orientados e desafiados a produzirem personagens, mas de forma coletiva. O espaço a ser utilizado foi novamente a área externa às salas de aula, o pátio da escola.

Os estudantes animados com a atividade se organizaram e ordenaram os painéis na área externa da escola. É importante essa organização de mobilização dos materiais a serem utilizados na atividade e a desmobilização de todos os materiais utilizados, liberando o espaço que foi ocupado ao final da atividade. Observe na Figura 100, abaixo.

**Figura 100 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 101 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 102 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 103 – Aplicação da prática 2º dia.  
Roda de instruções.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Mia Montreal fez uma rápida orientação sobre personagens, os alunos que já tinham um certo domínio do desenho rabiscaram no papel seus personagens enquanto os não desenhantes prestavam mais atenção às informações passadas pela artista. Como nas figuras a seguir iniciando na Figura 104.

**Figura 104 – Aplicação da prática 2º dia. Instruções.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 105 – Aplicação da prática 2º dia. Instruções.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 106 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

As técnicas aplicadas para fazer os desenhos de personagens são parecidas com a técnica utilizada em sala de aula, para ampliar desenhos. Porém, ao invés do uso de uma malha os grafiteiros utilizaram de grafismos, celular e um aplicativo de edição de fotos para sobrepor o desenho a ser grafitado semitransparente sobre os grafismos pré-desenhados no suporte a ser pintado. Dessa forma, o artista utiliza os grafismos com o desenho sobreposto no aparelho celular como guia para o traço a ser feito no suporte. A artista explicou que essa era uma das formas de desenhar em painéis e fazer murais, no entanto quem tivesse um personagem fácil de ser desenhado direto no painel e desejasse tentar transpor o desenho de forma direta, poderia fazer, mas para aqueles que não possuíssem tanta habilidade, a técnica de usar grafismos como guia para ampliar o desenho feito no papel e transpô-lo para o painel, era a melhor e a forma mais indicada. Como podemos observar nas Figuras 107 e 108.

**Figura 107 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 108 – Aplicação da prática 2º dia. Demonstração.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A artista iniciou a produção dos grafismos a serem utilizados como guia de traço e pediu para que os alunos dessem seguimento ao desenho. Explicou também que, era possível utilizar fitas para marcar o painel e usar como guia de traço. Pediu que os alunos dessem seguimento a atividade marcando um segundo painel com fita adesiva azul. É muito interessante observar a atmosfera que essa atividade impõe, os estudantes se tornam solícitos e cooperativos espontaneamente. Como podemos observar nas figuras a seguir, começando na Figura 109.

**Figura 109 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 110 – Aplicação da prática 2º dia.**



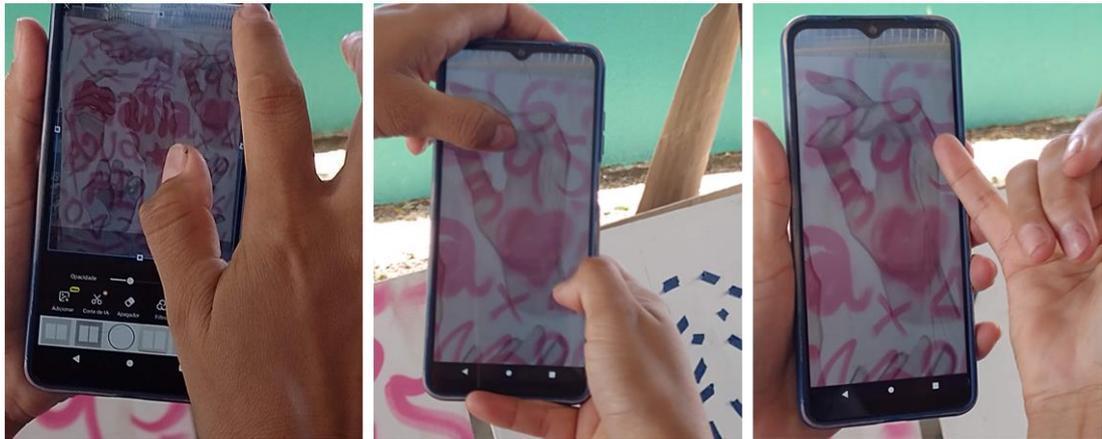
Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 111 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 112 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 113 – Aplicação da prática 2º dia. Prática.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

O desenho escolhido pela artista, uma mão, foi trocado em votação unânime pelos alunos que optaram por um rosto feminino. Escolha acatada pela artista já que era a vontade de todos e, seria possível exemplificar variação de tons de pele, claro escuro, técnica de cílios e outras linhas finas. Como observado a partir da Figura 114, abaixo.

**Figura 114 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 115 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 116 – Aplicação da prática 2º dia. Mostrando app.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 117 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 118 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Todos observavam atentamente, enquanto a artista executava o desenho e fazia algumas pausas para explicar como o gráfico sobreposto guiava o seu traço, ao mesmo tempo ia demonstrando algumas técnicas de pintura com o spray. Como por exemplo fazer fios finos de cílios, cabelos e sobrancelhas. Como se vê a partir da Figura 119.

**Figura 119 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 120 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 121 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 122 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Após as demonstrações e orientações a respeito de algumas técnicas a artista liberou outros painéis para que os alunos pudessem proceder suas criações. Mais uma vez, não houve interferência por parte da professora/pesquisadora/artista na ordem dos grupos que foram

estabelecidos, pois mais uma vez, desenhantes e não desenhantes se organizaram em grupos onde as habilidades em desenho não foram consideradas. Figura 123.

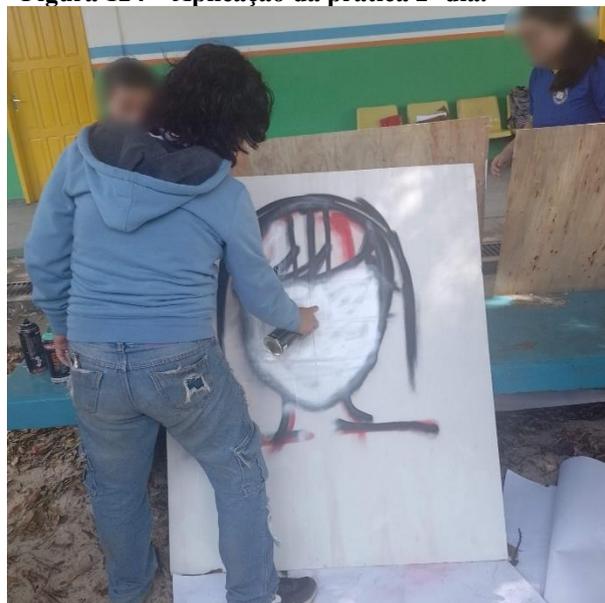
**Figura 123 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Acima, a obra em sua primeira concepção em forma e cores que, rapidamente foram remodeladas quando a experiência estética obtida com as primeiras formas e cores não foram satisfatórias. Como observado na Figura 124.

**Figura 124 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Mais uma vez os alunos se sentiram confortáveis para explorar as possibilidades do spray sem medo de errar e sem o julgamento dos colegas. E houve desenhante que se aventurou sozinha, errando, corrigindo, modificando a ideia inicial e aceitando opiniões tanto dos colegas quanto da artista a respeito de sua produção. A participante produzia e observava a obra produzida buscando a satisfação estética no que acabara de fazer e, quando essa satisfação não era completa ela apagava e começava o trabalho, sempre parando para observar, analisar e refletir sobre suas escolhas, ora sozinha, ora confabulando com os colegas sobre os traçados realizados no desenho, ouvindo sugestões, trocando ideias e opiniões. Trabalhando de forma individual e coletiva quase que simultaneamente.

**Figura 125 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Observando algumas produções, a professora/pesquisadora/artista considerou bastante interessante a velocidade em que essas obras foram produzidas e modificadas quando o resultado obtido não agradava o autor. Algumas obras ficaram, no conceito dos alunos, por terminar. Quanto ao conceito dos alunos sobre as obras não terminadas, Salles (1998) explica que o inacabado também tem sua beleza, pois a obra não surge pronta, ela se constrói em um movimento constante, alimentado pela insatisfação e pela busca por novas soluções. O desenho inicial foi sendo transformado e se distanciando da primeira ideia pensada como forma para ele que ganhou outro formato para suprir a insatisfação gerada pela primeira forma. E quem disse que para o autor a obra está inacabada? De repente essa era a intenção. A

professora/pesquisadora/artista foi questionada por uma de suas alunas sobre sua fala: “Mas se não foi a intenção? Tipo, não deu tempo de terminar mesmo”? (aluna E. R. S.). Então cada pessoa que visualizar a obra vai imaginar um desfecho para ela, um possível acabamento. De qualquer forma ela vai encontrar um destino, independente do que o autor quis dizer com ela, sempre vai haver quem veja nela outros significados. E ainda ficaram um bom tempo observando a obra que na concepção de alguns estava inacabada. Obra que podemos observar a partir da Figura 126 à Figura 129.

**Figura 126 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 127 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 128 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 129 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Eis acima, a obra alvo das observações da professora /pesquisadora/artista e dos alunos sobre o inacabado. Uma das obras que mais levantou comentários e reflexões tanto por parte dos educandos quanto por parte da professora/pesquisadora/artista e da artista Mia Montreal.

**Figura 130 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 131 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Os alunos, independente se eram desenhantes ou não, organizaram-se no manuseio das latas de spray, desentupindo os bicos para todos os colegas, não apenas para seus parceiros de

painel, conversavam sobre a produção da obra, tiravam dúvidas uns com os outros e com a artista e socializavam as latas de tinta de forma cordial e educada. Abaixo depoimento de uma aula, externando sua satisfação sobre a oficina:

“Eu achei a oficina muito boa e divertida eu aprendi muita coisa e principalmente como trabalhar em equipe com meus amigos por incrível que pareça a gente até que concordou com bastante coisa eu achei que íamos brigar e discordar bastante mais até que isso não ocorreu tanto assim”. (participante do projeto E. S. N.).

**Figura 132 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 133 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Na Figura 129, acima pode-se observar o processo criativo acontecendo, as tomadas de decisões e, principalmente como cada um dos participantes resolveu as questões que surgiram durante a produção algumas vezes de forma individual outras de forma coletiva. Os esboços preparados no papel logo foram deixados de lado, quando viram que para produzi-los seria necessário mais prática com o spray. Então surgiram obras mais simples, condizentes com as habilidades para tal.

**Figura 134 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Na imagem acima, um colega desenhante desenhou um colega não desenhante, preencheu o personagem, daí outra colega desenhante passou a fazer as finalizações do trabalho, auxiliada pelos colegas, mais uma vez, ninguém se importou se o colega a trabalhar no painel era desenhante ou não, apenas cooperaram e se divertiram com essa produção. Como vemos nas figuras abaixo, a partir da Figura 135 em diante.

**Figura 135 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 136 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 137 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Na imagem (figura 136 e 137), os colegas decidindo sobre a melhor forma de desenho da mão do personagem e ao fundo a artista orientando uma aluna, muitos, tanto desenhantes quanto não desenhantes, necessitaram de várias orientações durante a atividade. Quem conseguia finalizar um painel eternizava esse momento com fotos no próprio celular, para muitos foi um feito memorável. A seguir, depoimento de uma aluna:

“Eu gostei ainda mais porque meu tio fazia grafite, aí eu fiz um desenho no muro da casa dele (com ele) eu usei todas as dicas dela, quando ela fez os desenhos eu fiquei impressionada”. (aluna S. I. O. S.).

**Figura 138 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 139 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 140 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

No grupo acima, (Figura 136) os estudantes testavam o desenho primeiro na cartolina colocada no chão para proteger a calçada da escola, para só depois da aprovação do grupo, passar para o painel. Uma aluna desenhante, fez a arte final do trabalho e a obra foi o resultado de vários acordos acertados durante sua produção, cada um deu sua contribuição.

**Figura 141 – Aplicação da prática 2º dia.**

Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 142 – Aplicação da prática 2º dia.**

Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

No grupo acima o resultado não foi satisfatório no entender dos educandos, porém a professora/pesquisadora/artista explicou que as técnicas estavam ali aplicadas, o trabalho havia sido realizado por todos do grupo e que isso era o mais importante. Aceitaram, mas permaneceram insatisfeitos com o resultado. A professora/pesquisadora/artista ao escutar um deles afirmar: “É que no nosso grupo ninguém sabe desenhar”. (aluno F. S. S.), perguntou: O que era saber desenhar? Eles entreolharam-se calados. A professora/pesquisadora/artista/artista respondeu a eles da seguinte forma: Observem o painel, há ou não um desenho ali? Responderam que sim, havia um desenho no painel. Continuou a

professora/pesquisadora/artista: Então, vocês desenharam, aquela é a concepção de vocês, é o desenho de vocês que está ali, agora se ele não satisfaz o conceito de belo que vocês têm, é outra questão. Por que tudo tem que ser fofo ou bonito? Já pensaram nisso? Também há beleza no que é diferente! Agora, o desenho foi feito e, isso é um fato inegável, ele está lá e isso significa que vocês sabem desenhar; agora se não ficou bom no conceito de vocês, se perguntem o que poderia ou pode ser feito para que futuros desenhos sejam satisfatórios para vocês. Um deles respondeu meio sem jeito: “Praticar né, professora? A Mia disse que no começo ela não era muito boa no desenho, mas que foi praticando”. Resposta do (aluno M.J.F.S).

Refletir sobre a articulação entre o fazer artístico e os processos de criação que resulta em uma experiência estética profunda, significativa e reflexiva. A obra de arte se torna um elo entre o artista e o público, um espaço de encontro e de partilha de emoções, ideias e experiências. O fazer estético-artístico, portanto, não se limita à produção de objetos/obras; ele se estende à criação de experiências que enriquecem a vida humana.

**Figura 143 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 144 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 145 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 146 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 147 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Quem terminava a atividade ou se sentava para observar, em silêncio, tanto os colegas quanto a artista trabalhando ou se engajava em outro grupo para ajudar na produção do painel. Essa atitude em sala de aula é o de “sonho de todo professor”, pois o que geralmente acontece é que conforme os grupos vão terminando a atividade iniciam-se várias conversas paralelas que tiram a concentração de quem ainda está realizando a tarefa, além disso, a circulação de colegas pela sala também desconcentra os grupos que ainda estão em ação. No entanto, não foi necessário pedir silêncio ou que ninguém ficasse circulando pelas dependências da escola, todos se concentraram no espaço onde a atividade estava acontecendo. A seguir o depoimento de uma aluna participante da oficina:

“Acho incrível e tenho muita admiração pelos pixadores. Alguns deles até corre perigo pra levar a arte deles para a cidade. Eu amei a experiência de poder pixar, e me senti com muita responsabilidade a segurar a tinta”. (aluna M. S. S).

**Figura 148 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Infelizmente, não foi possível registrar os alunos fazendo as intervenções em preto, na obra acima. A aluna, da foto acima, tem um leve grau de autismo e preferiu trabalhar a maior parte do tempo sozinha em seu painel, mas permitiu que seus colegas colaborassem preenchendo a área branca com pixos, estilo Cripta Djan. Depois que esse artista foi apresentado à turma, muitos ficaram encantados com o trabalho dele, inclusive a própria professora/pesquisadora/artista, que também trabalha com grafite: “Nunca, havíamos visto o pixo/pichação daquela forma, meus alunos e eu. A arte tem mesmo esse poder de nos surpreender”.

Já quase no fim da “aula”, os alunos passaram a buscar o verso de alguns painéis para pintar, pois os que haviam sido preparados já estavam todos ocupados. Observou-se que a produção nos versos dos painéis, seguiu bem mais relaxada, no sentido de estarem mais tranquilos quanto à temática. Como se pode comprovar nas Figuras 145 e 146, abaixo.

**Figura 149 – Aplicação da prática 2º dia.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 150 – Aplicação da prática 2º dia. Verso do painel.**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Os desenhos que foram para os painéis tanto no primeiro dia de prática quanto no segundo, não foram os mesmos pensadas pelos alunos, quando estes estavam ainda na sala de aula. Diante das dificuldades enfrentadas com o manuseio dos materiais eles rapidamente buscaram soluções práticas para executar a atividade, pensaram rápido, observaram, refletiram e modificaram seus desenhos, forma, cores entre outras coisas, quando julgaram necessário, isso é o processo criativo em ação, fluindo, ou melhor, fruindo.

A professora/pesquisadora/artista e sua reflexão sobre o processo de execução das atividades:

Durante o processo de produção me aventurei juntamente com meus alunos, até meu processo de criação sofreu alteração, pelo mesmo motivo que o dos meus alunos, as dificuldades em manusear a lata de spray e dominar o jato de tinta. Na mente a ideia era uma mandala centralizada e com muitos detalhes, no decorrer da produção fui percebendo que o ideal para aquela situação seria simplificá-la ao máximo, a escolha das cores seguiu a ideia de contraste e conforme eu ia desenhando mais ia sentindo que não ficaria como a imaginada. A meu favor, somente a ideia pronta na mente e a habilidade que eu pensava ser suficiente para a realização e contra mim, o tempo escasso e a minha falta de habilidade com o material, que pesavam mais que os fatores favoráveis. Num dado momento ri de mim, pois me vi como um de meus alunos, tentando de todas as formas corrigir um traço do contorno e falhando miseravelmente. Pensei: Isso aqui realmente nos

igual! Abaixo a mandala que foi possível criar no painel dadas as circunstâncias, eu, como meus alunos, estou insatisfeita com o resultado estético do meu trabalho com o spray. Agora os entendo tanto mais do que na hora que falei com eles!

**Figura 151 – Aplicação da prática 2º dia.  
Obra da professora/pesquisadora/artista**



Fonte: Registro feito pelo professor de Religião, da escola

**Figura 152 – Aplicação da prática 2º dia.  
Professora/pesquisadora/artista, satisfeita com os resultados**

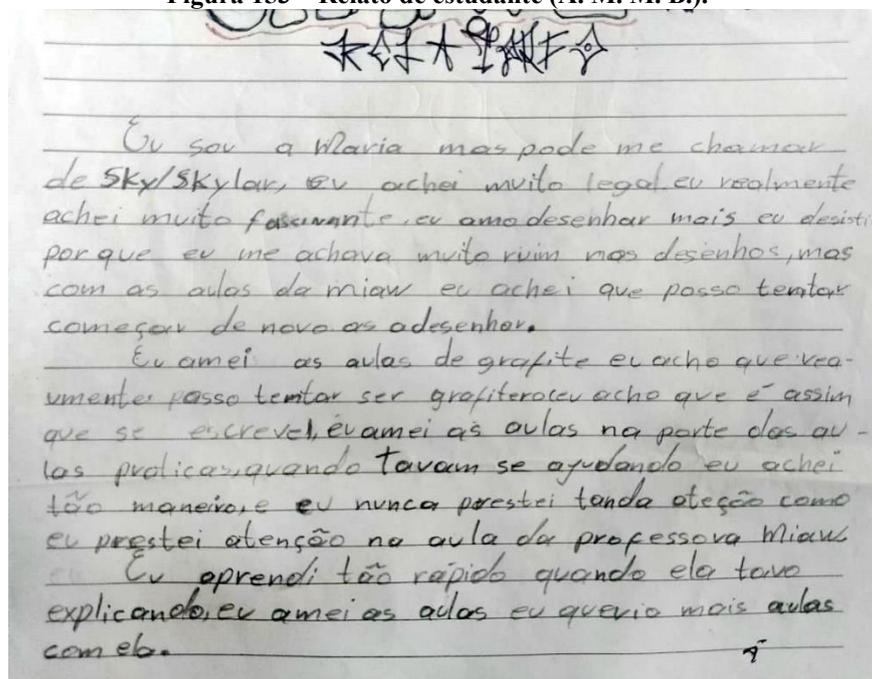


Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A professora/pesquisadora/artista promoveu uma roda de conversas para colher as impressões dos alunos, participantes da oficina de grafite com a artista Mia Montreal. Porém, devido à proximidade da semana de provas, essa roda de conversa foi rápida e, a outra roda de

conversa foi convertida em relatos dos estudantes acerca das atividades práticas. Abaixo imagens de alguns desses relatos. Figuras 153 a 155.

**Figura 153 – Relato de estudante (A. M. M. B.).**



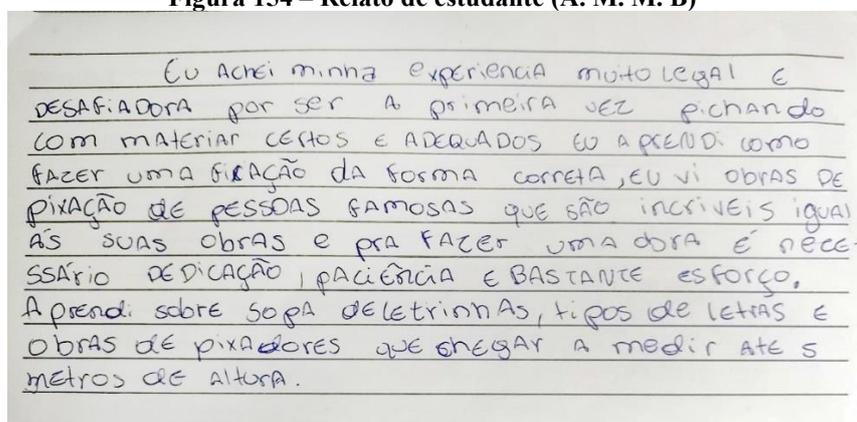
Eu sou a Maria mas pode me chamar de Sky/Skylar, eu achei muito legal eu realmente achei muito fascinante, eu amo desenhar mais eu desisti porque eu me achava muito ruim nos desenhos, mas com as aulas da miaw eu achei que posso tentar começar de novo os desenhos.

Eu amei as aulas de grafite eu acho que realmente posso tentar ser grafiteiro eu acho que é assim que se escreve, eu amei as aulas na parte das aulas práticas, quando tavam se ajudando eu achei tão maneiro, e eu nunca prestei tanta atenção como eu prestei atenção na aula da professora Miaw.

Eu aprendi tão rápido quando ela tava explicando, eu amei as aulas eu queria mais aulas com ela.

Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

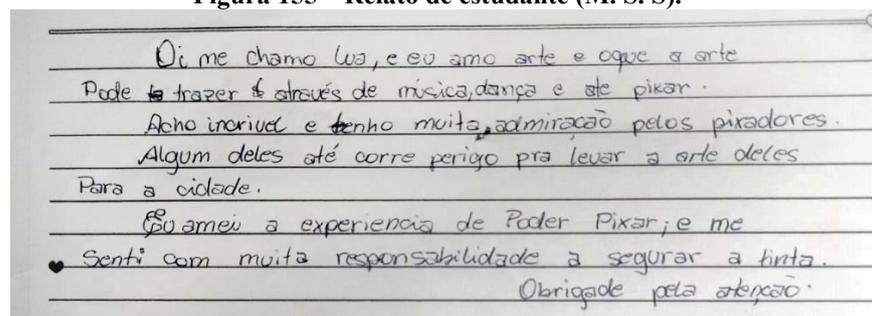
**Figura 154 – Relato de estudante (A. M. M. B)**



Eu achei minha experiência muito legal e DESAFIADORA por ser a primeira vez pichando com material certos e adequados eu aprendi como fazer uma fixação da forma correta, eu vi obras de pichação de pessoas famosas que são incríveis igual às suas obras e pra fazer uma obra é necessário DEDICAÇÃO, PACIÊNCIA e BASTANTE ESFORÇO, aprendi sobre sopa de letrinhas, tipos de letras e obras de pichadores que chegar a medir até 5 metros de altura.

Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 155 – Relato de estudante (M. S. S).**



Oi me chamo Lu, e eu amo arte e o que a arte pode trazer através de música, dança e de pizar.

Acho incrível e tenho muita admiração pelos pichadores. Alguns deles até corre perigo pra levar a arte deles para a cidade.

Eu amei a experiência de Poder Pizar; e me senti com muita responsabilidade a segurar a tinta.

Obrigade pela atenção.

Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

## 6.2 Discussão

Os alunos, participaram dessa investigação desde as aulas em sala, com atividades direcionadas para a produção de imagens até se chegar nas atividades práticas, onde se viu a problemática da convivência e da falta de ânimo, por pensarem não saber desenhar se dissiparem. Mais que isso, observou-se os alunos interagindo, cooperando entre si. Tão imersos na atividade que não pararam para distinguir quem era desenhante ou não, quem era especial ou não, todos participaram, deram sua contribuição no primeiro dia de atividade prática. Grande foi a satisfação da professora/pesquisadora/artista em observar como as técnicas de grafite e a própria presença da artista, influenciaram diretamente no encorajamento, nas ideias e nas escolhas estéticas dos estudantes, que sentiram-se motivados, mesmo diante das dificuldades com o manuseio do material. E passou a pautar suas escolhas estéticas considerando suas habilidades com o uso dos materiais que novelou quase que todos ao nível de igualdade em se tratando de habilidades com o spray, o que promoveu uma interação quase que imediata entre os educandos, de forma espontânea, gerando as obras coletivas.

Cada participante apresentou uma forma de aprender, teve quem apreendesse apenas observando e quem precisasse experimentar apenas uma vez, e aqueles que mesmo observando e experimentando, precisavam fazê-lo várias vezes. A única questão que todos, com exceção de um grupo, resolveram de forma igual, foi a troca do esboço por um desenho que consideraram mais fácil de produzir. O grupo que produziu o alienígena o trouxe do esboço que infelizmente alguém perdeu antes que fosse fotografado. Quando perguntados sobre essa mudança, as respostas eram quase que unânimes ao depoimento da aluna (E. S. N.): “Não dava pra fazer o mesmo desenho do papel no painel, era difícil controlar a tinta do spray pra fazer o desenho, era melhor mudar para um que fosse mais fácil se a gente quisesse terminar e, todo mundo queria terminar!”

Quanto a conhecer e/ou entender o processo criativo as respostas variaram bastante. Alguns afirmaram já conhecerem superficialmente o que seria esse processo, outros, afirmaram ter conhecido durante o processo de produção: “Então o processo criativo é esse monte de decisão enquanto a gente tá fazendo a pintura?” (E. S. N.). “Tudo o que tá acontecendo enquanto você tá fazendo o desenho e pintando já é o processo criativo, né professora?!” (G. T. L.). Explicou-se que, na verdade, quando eles começaram a pensar no que iam desenhar, ali já era o processo criativo em andamento, o que surpreendeu alguns. E cada decisão, principalmente sobre as formas utilizadas e as cores são o processo criativo funcionando e indo buscar lá na

memória ajuda para resolver cada questão. “Não entendi, como assim indo buscar na memória? A gente fez tudo aqui o mais rápido que deu!” (E. S. S.)

Usou-se como exemplo o painel do alienígena – Vamos lá, o alienígena que vocês fizeram, por que ele é verde? A resposta veio como esperada: “Porque todo marciano que a gente vê nos desenhos e até na tv, interne e até a Gamora é verde, professora!” (E. R. S.). Explicou-se que isso já estava guardado na memória deles. Para decidir a cor, a mente foi buscar os exemplos que eles conheciam, cinema, internet, desenhos, tv, tudo nessa hora é repertório, influência. E na hora de trabalhar juntos, como foi que vocês se organizaram?

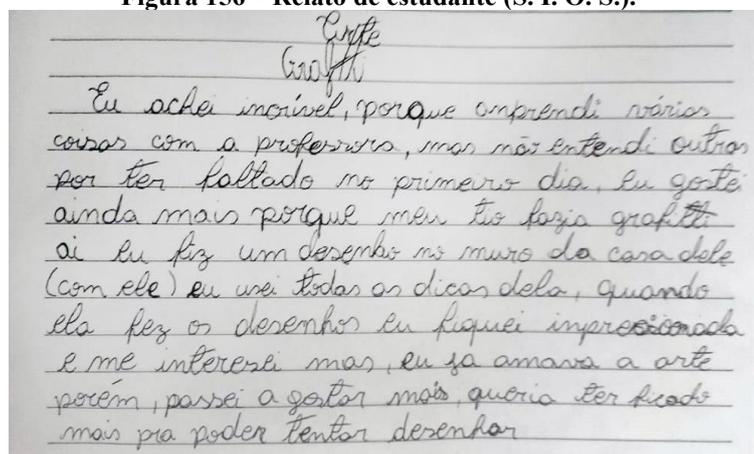
“A gente foi conversando, cada um dava uma opinião e pintava um pedaço, ou ficava desentupindo os bicos e buscava as latas da cor que precisava” (S. S. S.).

Todo mundo consegue se ver no painel que produziu? Perguntou-se a eles.

“Acho que sim, mesmo que eu fiquei só indo buscar as tintas, eu ajudei. Então se tem azul no painel, fui eu que peguei!” (D. E. M. S.)

“Eu pintei o corpo do alienígena, a (...) fez o contorno, a (...) ajudou a decidir a cor... Todo mundo fez um pedaço.” (G. T. L.).

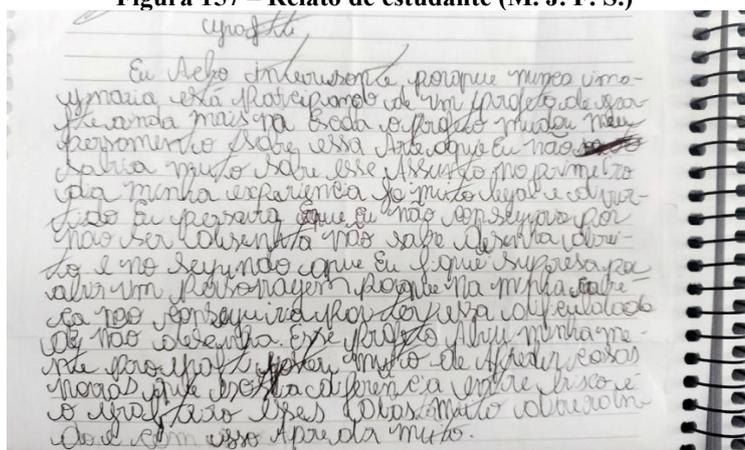
**Figura 156 – Relato de estudante (S. I. O. S.).**



Eu achei incrível, porque aprendi várias coisas com a professora, mas não entendi outras por ter faltado no primeiro dia, eu gostei ainda mais porque meu tio fazia grafite aí eu fiz um desenho no muro da casa dele (com ele) eu usei todas as dicas dela, quando ela fez os desenhos eu fiquei impressionada e me interessei mais, eu já amava a arte porém, passei a gostar mais, queria ter ficado mais pra poder tentar desenhar

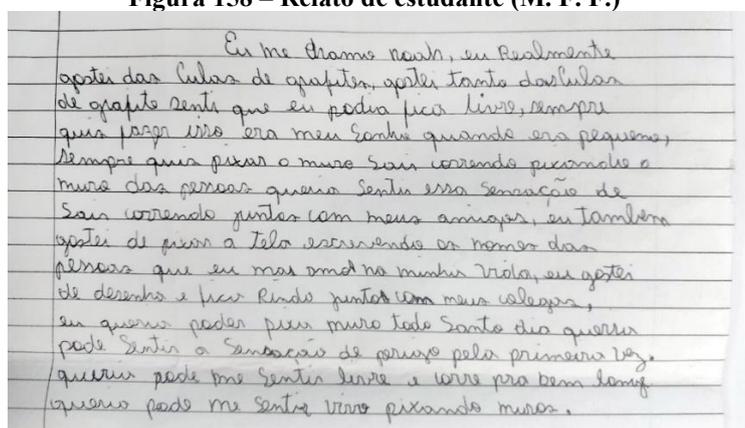
Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 157 – Relato de estudante (M. J. F. S.)**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

**Figura 158 – Relato de estudante (M. F. F.)**



Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a pesquisa alcançou seu objetivo geral de analisar a influência do grafite nos processos criativos individuais e coletivos dos alunos do 8º ano do ensino fundamental II em uma escola pública de Manaus, mediada pela arte de Mia Montreal. O uso da linguagem do grafite nas produções coletivas impactou positivamente o processo criativo dos alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem engajador e estimulante. Os alunos puderam explorar sua criatividade, expressar suas vozes de maneira autêntica e desenvolver um senso de pertencimento e colaboração. A integração do grafite como uma forma de expressão artística no contexto escolar revelou-se uma ferramenta poderosa para incentivar a criatividade e a participação ativa dos alunos. Verificou-se que, mesmo compartilhando a mesma obra, cada participante conseguiu iniciar seu processo criativo individual na sala de aula, ainda nas folhas de papel, e depois transitar para o processo criativo coletivo. Nesse processo, renunciaram a algumas decisões e colaborações, mas ainda assim conseguiram se perceber como parte da obra coletiva. Interagindo, cooperando e colaborando de forma respeitosa e empática, não houve

uma única menção sobre qual painel estava mais ou menos bonito. Todos estavam cientes das dificuldades enfrentadas por cada grupo para produzir seu painel, o que gerou um grande respeito entre eles pela obra alheia e pela própria. Isso gerou na professora grande surpresa em presenciar alunos desenhantes e não desenhantes em um grande fazer coletivo, em presenciar a questão de a pesquisa ser respondida tão rapidamente, isto é, a arte, sob a linguagem do grafite, conseguiu concatenar mentes, criar conexões e gerar um ambiente saudável, colaborador e mais que isso, respeitador. A arte, produz milagres.

A respeito do questionamento que originou essa pesquisa, a resposta poderia ter sido ainda mais satisfatória se a escola tivesse aberto mais suas portas para as atividades práticas, cedido um espaço na parte interna do muro que a circunda, pois isso teria colaborado para gerar um maior sentimento de pertencimento, com a valorização da produção desses estudantes. Atreve-se a dizer que a atividade com o grafite gerou uma pequena comunidade, dentro dos padrões do conceito de comunidade formatado por Bell Hooks (2021), ela enfatiza que uma verdadeira comunidade não é apenas um agrupamento de indivíduos, mas sim um espaço de conexão e pertencimento, onde as pessoas se apoiam mutuamente e se juntam num compromisso com a transformação e o bem-estar coletivo. Embora, esses empecilhos tenham de certa forma impedido um melhor aproveitamento espacial, mesmo assim, os resultados foram positivos e transformadores. Recomenda-se que futuras pesquisas continuem a explorar e expandir essa abordagem, a fim de compreender melhor os impactos a longo prazo e as possíveis adaptações em diferentes contextos educacionais.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. A. **Imagem no ensino da Arte**. 1ªed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). Pesquisa educacional baseada em a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- DJAN, Cripta. O pixador é o artista que transcendeu as telas. **Revista O Viés**, 2012. Disponível em: <https://www.revistaovies.com/2012/11/08/cripta-djan-o-pixador-e-o-artista-que-transcendeu-as-telas/> Acesso em: 20 nov. 2024.
- HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução de Maria Silva. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.
- LAZZARIN, Luís Fernando. Grafite e o Ensino da Arte. **Educação & Realidade**, v.32, n.1, enero-junio, p.59-73, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MACHADO, Regina. **Uma reflexão da Arte no Magistério**. Manuscrito. 1988.
- MONTREAL, Mia. A artista e sua obra. <https://www.instagram.com/miiaa.graffiti/?hl=pt-br>
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Editora Vozes, 2001.
- RICHTER, Ivone. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, 2000.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação: construção da obra de arte**. 2. ed. São Paulo: Horizonte, 2006.
- SALLES, Cecilia Almeida. **Redes da criação**. Construção da obra de arte. 2.ed. Editora Horizonte, 2008
- SOUSA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO/ARTÍSTICAS –  
“DESENHANTES”**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Bairro onde

mora: \_\_\_\_\_

Menino ( )    Menina ( )

1. Você desenha?

( ) SIM    ( ) NÃO

2. Você se considera um bom desenhista?

( ) SIM    ( ) NÃO

3. Conhece alguma pintura famosa? Qual? (Em letra de forma)

---

4. Sabe o que é Grafite?

( ) SIM    ( ) NÃO

5. Conhece algum(a) artista do Grafite?

( ) SIM    ( ) NÃO

6. Você gostaria de produzir com um parceiro que não sabe desenhar?

( ) SIM    ( ) NÃO

Diga por quê: \_\_\_\_\_

7. Já foi a alguma exposição de artes visuais?

( ) SIM    ( ) NÃO

Quando e onde: \_\_\_\_\_

8. Qual seu nível de experiência em artes visuais (desenho e/ou pintura)?

( ) DESENHO NÍVEL AVANÇADO    ( ) PINTURA NÍVEL AVANÇADO

( ) DESENHO NÍVEL MÉDIO    ( ) PINTURA NÍVEL MÉDIO

( ) DESENHO NÍVEL INICIANTE    ( ) PINTURA NÍVEL INICIANTE

9. Você sabe o que é um processo criativo?

( ) SIM    ( ) NÃO    ( ) NUNCA PENSEI NISSO

10. Você conhece seu próprio processo criativo?

( ) SIM    ( ) NÃO    ( ) NUNCA PENSEI NISSO

11. A escola pública consegue oportunizar práticas de desenho e pintura?

( ) SIM ( ) NÃO

12. Sua família consegue oportunizar o aprendizado de técnicas de desenho e pintura?

( ) SIM ( ) NÃO

13. Como você se interessou pelas artes visuais? (Letra de forma)

**APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO/ARTÍSTICAS –  
“NÃO DESENHANTES”**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Bairro onde

mora: \_\_\_\_\_

Menino ( ) Menina ( )

01. Você desenha?

( ) SIM ( ) NÃO

02. Por que não desenha? (letra de forma).

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

03. Conhece alguma pintura famosa? Qual? (letra de forma)

\_\_\_\_\_

04. Sabe o que é Grafite?

( ) SIM ( ) NÃO

05. Conhece algum(a) artista do Grafite?

( ) SIM ( ) NÃO

06. Gostaria de aprender a desenhar?

( ) SIM ( ) NÃO

07. Você gostaria de produzir com um parceiro que sabe desenhar?

( ) SIM ( ) NÃO

Diga por quê: \_\_\_\_\_

08. Já foi a alguma exposição de artes visuais?

( ) SIM ( ) NÃO

Quando e onde: \_\_\_\_\_

09. Você sabe o que é um processo criativo?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) NUNCA PENSEI NISSO

10. Você conhece seu próprio processo criativo?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) NUNCA PENSEI NISSO

11. A escola pública consegue oportunizar práticas de desenho e pintura?

SIM     NÃO

12. Sua família consegue oportunizar o aprendizado de técnicas de desenho e pintura?

SIM     NÃO     NUNCA ME INTERESSEI

13. Já se sentiu deixado de lado, pelos colegas de turma, por não saber desenhar em algum momento na escola?

SIM     NÃO     NUNCA REPAREI NISSO

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DA ESCOLA

**Semed** Prefeitura de **Manaus**

**Declaração**

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
Escola Municipal  
Helena Augusta Walkott  
ATO DE CRIAÇÃO  
Nº 271/96  
MANAUS AM

Declaro para todos os fins que a professora Elizângela Oliveira Neves realizou nas dependências desta escola, juntamente com Mia Montreal, com os estudantes do 8º C nos dias 11, 12 e 13 de dezembro, rodas de conversa e oficina prática de técnicas de grafite, onde a instrutora era a artista visual Mia Montreal sob observação da professora pesquisadora Elizângela Oliveira Neves. A aplicação da oficina e a roda de conversa foram a culminância da pesquisa de mestrado profissional em Artes Visuais da professora Elizângela. Podendo a professora pesquisadora divulgar o nome da escola na referida pesquisa.

Atenciosamente,

Manaus, 13 de fevereiro de 2025.

*Cleciane Bentes da Costa*

Gestor (a)  
**Cleciane Bentes da Costa**  
Diretora  
Portaria Nº 2240/2024-SEMED/GS

Av. Manoel Uirapuru, 2549, Parque Der do Novembro  
CEP: 69.050-030 T. (92) 3632-2054 / 3632-2457  
f: 3632-2457  
e: f3632@semed.mn.gov.br  
www.semed.mn.gov.br

**SEMED**  
Secretaria Municipal  
de Educação